

RÉGIS DEBRAY

revolução
na
revolução

421
BrP

RÉGIS DEBRAY

revolução
na
revolução

SBD-FFLCH-USP



3 9 2 0 7 5

"Doação de
Lucila Ribeiro Bernardet
DTLLC"

332.421
D288vP
e.3

99301

Título original:

"REVOLUCION EN LA REVOLUCION?"

Cadernos da revista

CASA DE LAS AMERICAS

Havana, janeiro de 1967

Régis Debray: — publicou no n.º 31 da Revista Casa das Américas (julho/agosto de 1965) o ensaio "América Latina": alguns problemas de "La Estrategia Revolucionária". Publicou também, em "Les Temps Modernes" de janeiro/65: "Le Castrisme: la longue marche de l'Amérique Latine".

Contando apenas vinte e poucos anos, é contudo um dos intérpretes mais lúcidos da problemática latino-americana. Em 1961 assistiu à grande campanha de alfabetização em Cuba, e percorreu diversos países da América Latina. Mantendo estreito contato com os revolucionários de cada um deles, chegando inclusive a compartilhar a guerrilha.

Professor de filosofia — colega de Luís Althusser — voltou a Cuba em 1965, a fim de aprofundar a experiência revolucionária de Cuba.

DEDALUS - Acervo - FFLCH



«A REVOLUÇÃO CUBANA NÃO SE REPETIRA JAMAIS NA AMÉRICA LATINA...»

Esta frase, na boca de militantes latino-americanos, converte-se num chavão perigoso. Justa em certos aspectos, esquece fatos sangrentos.

A força de dizer que a Revolução Cubana não terá mais equivalente no Continente, pela mudança operada na correlação de forças, chegamos a ignorar traquilamente o que já não pode repetir-se. Ignora-se até o abecê da Revolução Cubana.

Primeiro, reduzimos Cuba a uma lenda dourada, a dos doze homens que desembarcaram e se multiplicaram não se sabe como num abrir e fechar de olhos; depois decidimos que a realidade já nada tem a ver com esse audaz conto de fadas. Esse jôgo de mãos deixa escapar visivelmente o essencial, a complexa realidade do processo insurrecional cubano.

Quantas voltas inúteis, quantas experiências desastrosas, quanto tempo perdido resultaram disso para os movimentos revolucionários do presente! Nós mesmos tratamos de mostrar, em estudos anteriores, a amplitude das transformações provocadas por Cuba no Continente. Mas é preciso tomar consciência do movimento inverso que começa um pouco em todo lugar, entre combatentes e militantes: voltam-se com curiosidade à experiência cubana para advertir "como", além do brilho superficial, os "detalhes", políticos e militares, os mecanismos internos. E por que? Porque ao fim dos sacrifícios e às vezes de desgaste, descobrem verdades de ordem técnica, tática e estratégica que a luta revolucionária cubana tinha pôsto em ação e praticado desde o início, às vezes sem dar-se conta disso. Descobrem que certa forma de aplaudir ruidosa-

mente a lenda da insurreição fidelista pôde encobrir, em suas próprias fileiras, o desdém e a negativa de aprender com ela e discernir suas lições fundamentais.

Assim, pois, temos que lamentar que nos falte ainda uma história detalhada do processo insurrecional cubano, que não pode chegar a nós senão de seus promotores e atôres e que essa falta nos obrigue a limitar nossas referências a alusões, quando necessitamos de uma investigação sistemática.

* * *

LIBERTAR O PRESENTE DO PASSADO

Nunca somos completamente contemporâneos ao presente. A história se desenvolve mascarada: entra no palco com a máscara da cena precedente, e já não reconhecemos mais a peça. Cada vez que a cortina se levanta, é preciso deslindar novamente os fios da trama. A culpa, evidentemente, não é da história, mas sim da nossa perspectiva, carregada de recordações e imagens aprendidas. Vemos o passado superposto ao presente, ainda que êsse presente seja uma revolução.

O impacto da revolução cubana tem sido vivido e pensado, principalmente na América Latina, através de formas e esquemas já catalogados pela história, entronizados, consagrados. Por isso, apesar de todo impacto que provocou, o golpe foi recebido amortecidamente. Hoje, passada a euforia, se começa a descobrir o sentido próprio de Cuba, o alcance de seu ensinamento, que antes havia escapado. Uma nova concepção de guerra de guerrilhas vem à luz.

Entre outras coisas, Cuba mostrou mais uma vez, em primeiro lugar, que a revolução socialista é o resultado de uma luta armada contra o poder armado do Estado burguês. Esta velha lei histórica, de ordem estratégica se quisermos, foi completada inicialmente com conteúdos de ordem tática já conhecidos. Começou-se a identificar guerrilha com insurreição, porque o modelo — 1917 — se apresentou sob esta forma, e Lênin, seguido por Stalin, assim teorizou em algumas fórmulas; fórmulas que nada têm a ver com a situação presente e que em vão se levantam periodicamente, como as que se

referem às condições do estouro da insurreição, entendida como assalto imediato ao poder central. Mas esta diferença tornou-se imediatamente evidente. Depois, a guerra de guerrilhas americana quase se confundiu com aquelas asiáticas, pois se trata também de uma guerra “irregular” para sitiá-las as cidades a partir do campo. Esta confusão é mais perigosa que a primeira.

A luta armada revolucionária encontra condições específicas em cada continente, em cada país, mas estas não são “naturais”, nem evidentes, de tal modo que são necessários — em cada caso — anos de sacrifícios para descobri-las e adquirir consciência delas. Assim, por instinto, os social-democratas russos pensaram em refazer a Comuna de Paris em Petrogrado; os comunistas chineses trataram de refazer o Outubro dos Russos em Cantão na década dos 20; e os camaras vietnamitas, um ano após a fundação do Partido, de provocar insurreições de soviets de camponeses no norte do país. Para nós, agora, é obvio que as insurreições soviéticas não poderiam triunfar na Ásia colonial de pré-guerra, mas os verdadeiros militantes comunistas deviam começar por aí o aprendizado para sua vitória.

Poderíamos pensar que é uma sorte que Fidel não tivesse lido os escritos de Mao Tse-tung, antes de desembarcar nas costas da Província de Oriente: dessa maneira, pôde inventar — sobre aquêle terreno, a partir de sua própria experiência — as regras de uma doutrina militar conforme o terreno. Somente ao fim da guerra é que sua tática se define e os rebeldes descobrem os escritos de Mao. Mas novamente na América Latina os militares lêem os discursos de Fidel e os escritos de “Che” Guevara com os olhos de que já leram Mao da guerra anti-japonesa, bem como Giap e certos textos de Lênin e crêem reconhecer os segundos nos primeiros. Superposição visual clássica, mas perigosa, quando a guerra revolucionária tem, na América Latina, condições de desenvolvimento muito particulares, profundamente diferentes, que não se poderá encontrar senão a partir de uma experiência própria. Nesse sentido, tôdas as obras sobre a guerra popular fazem tanto mal quanto bem: têm-se lhes chamado gramáticas da guerra. Mas aprende-se mais depressa uma língua

estrangeira quando se está no país de origem e é necessário falá-la, do que com gramática em casa. Em tempo de guerra, essas questões de rapidez são vitais, sobretudo nos primeiros momentos, quando uma guerrilha quase sem armas e ignorante deve enfrentar um inimigo bem armado e conhecedor da situação.

Fidel atribuía a responsabilidade de certos fracassos guerrilheiros ao vínculo puramente intelectual com a guerra. Compreende-se: sem contar com a debilidade física, o desajuste à vida de campanha, um intelectual terá que encarar o presente com montagens ideológicas preformadas e vivê-lo através dos livros. Saberá menos que outros improvisar e inventar, ajeitando-se com os recursos disponíveis, decidir imediatamente uma manobra audaz, para sair de uma emboscada. Acreditando que já sabe, aprenderá mais devagar, sem flexibilidade. E a ironia da história quis que a situação social própria de muitos países latino-americanos delegue o papel de vanguarda precisamente a estudantes e intelectuais revolucionários, que têm tentado desencadear, ou melhor, começar as formas mais elevadas de luta de classes.

Logo, tais erros, tais mal-entendidos, tais confusões foram pagos. Não demasiadamente caros, se pensarmos nos desastres, por tanto tempo repetidos, da primeira guerra de libertação contra a Espanha. Aprende-se enormemente sobre a guerra e a América lendo uma biografia de Bolívar, e também muitas lições válidas para as guerras revolucionárias da América de hoje. A mais preciosa de todas: a tenacidade. Cinco vezes expulso do solo americano em 4 anos, derrotado, ridicularizado e só, cinco vezes retornou, até a primeira vitória, em Boyacá, com uma obstinação que o fez passar por louco. Aprendendo cada vez um pouco mais: a necessidade de mobilidade e da cavalaria para compensar uma falta de efetivos e de armamentos; a necessidade de fazer uma guerra agressiva e de ataques rápidos, não defensiva e estática; a necessidade de queimar os navios e cortar toda conciliação possível ao declarar a "guerra até a morte" contra o espanhol, para precipitar a formação do que hoje chamariamos "as condições subjetivas" nos próprios partidários e nos "criollos", a armadilha que Caracas representava enquanto os espanhóis eram

donos dos campos. A necessidade de rodear as cidades, partindo das planícies e de bases de apoio sólidas; a importância, enfim, de alguns lugares ("...Coro é para Caracas o que Caracas é para a América").

Fidel nos lembrou a mesma lição de tenacidade recentemente, mais de uma vez à beira do desastre. Moncada (1953), o desembarque do Granma (1956) e em menor escala o fracasso de abril de 1958, são outros tantos reveses, em face dos quais qualquer um teria voltado para casa, à espera de dias melhores. Quantos focos de guerrilha fracassaram na Guatemala antes da consolidação das frentes de Jacapa e Izabal? Mais de quatro, aniquilados ou desmantelados. Quantos fracassos, quantas traições e divisões na Venezuela? Sem dúvida, a guerrilha sobrevive, e recomeça com maior força, talvez a guerra mesma começa agora de verdade.

Os reveses sofridos pelo movimento revolucionário na América Latina são verdadeiramente pequenos, se forem medidos por um período de tempo que é o prólogo das grandes lutas de amanhã, se levarmos em conta que os poucos anos passados correspondem a esse período de arrancada e reajuste que atravessaram todas as revoluções em seu princípio. Mais ainda, o surpreendente é que alguns movimentos guerrilheiros tenham resistido a tantos ensaios e erros, uns inevitáveis e outros não. Ao falar de Fidel, isso é o assombroso e que prova até que ponto o movimento é suscitado pela história. De fato, mais que os fracassos, há que falar de uma certa e explicável paralisação e falta de desenvolvimento rápido, consequência — entre outras coisas — dos desacertos e erros inevitáveis nesta etapa de exploração de uma concepção e de um método revolucionário NOVOS, apesar de seu enganoso parentesco com outras experiências internacionais.

Todos os processos revolucionários decisivos começaram com alguns tropeços pelas razões que apontamos: porque os pontos de partida existentes são os que o processo histórico precedente nos legou e partimos deles, mesmo sem termos consciência disso. De todos estes tropeços, o latino-americano é o mais benigno. Em cada caso se tratou de acertar o passo, sem mudar a direção da marcha, corrigir a tática sem renun-

clar à estratégia justa nem aos princípios. É o momento em que se definem os dois campos.

Em cada país que fez a experiência de uma revolução, este momento colocou frente a frente os revolucionários de um lado e os reformistas e futuros traidores de outro. Depois de 1905, o pacifismo e o espírito de derrota ganham força dentro do Partido Social-Democrata Russo. Lênin, de Genebra — onde vivia exilado — e outros, levantam a voz não para opor a democracia representativa das Dumas à insurreição operária, mas para opor uma insurreição bem dirigida a uma insurreição que não fosse dirigida. Na China, após as derrotas de 1927, era necessário opor — como o fizeram Mao e outros — não o compromisso à insurreição operária, mas a retirada no campo e a Longa Marcha (forma de luta própria das condições chinesas) ao assalto rápido das cidades sob a palmatória do Kuomintang inimigo. Após o desastre de Moncada, Fidel e seus companheiros sobreviventes não pensaram em abandonar o princípio da luta armada contra Batista, mas deram-lhe um conteúdo distinto, mais justo. Para o revolucionário, o fracasso é um trampolim. Teoricamente mais rico que a vitória: acumula uma experiência e um aprendizado.

De fato, uns poucos anos de experiência em luta armada de todas as classes na América Latina, fizeram mais para o conhecimento da singularidade de suas condições objetivas do que as décadas precedentes de teoria política copiada. Historicamente, Cuba deu a arrancada para a revolução armada na América Latina. Essa arrancada, realizada de forma irreversível, a partir de uma linha acertada é o essencial.

“De fato, terá produzido a eclosão da luta armada? Estará seu centro na Venezuela, Colômbia, Peru, Equador? Serão essas escaramuças atuais apenas manifestações de uma inquietude não justificada? Não importa qual seja o resultado das lutas de hoje. Não importa, para o resultado final, que um ou outro movimento seja transitóriamente derrotado. O definitivo é a decisão de luta que amadurece dia a dia, a consciência da necessidade da transformação revolucionária e a certeza dessa possibilidade.”²

Hoje, na América Latina, uma linha política que não possa expressar-se efetivamente numa linha militar coerente e pre-

cisa, não pode ser tida como revolucionária. Toda linha, presumivelmente revolucionária, deve dar resposta concreta à pergunta: como derrubar o poder do Estado capitalista? Quer dizer, como arrebentar seu esqueleto, o exército, reforçado dia a dia pelas missões militares norte-americanas? [A revolução cubana oferece aos países irmãos americanos uma resposta que é necessário estudar nos detalhes de sua história: mediante a construção mais ou menos lenta, através da guerra de guerrilhas levada em zonas rurais mais propícias, de uma *força móvel estratégica*, núcleo do Exército Popular e do Estado Socialista.]

Toda linha militar depende de uma linha política que aquela expressa. Pois bem, ainda dentro da luta armada, estes últimos anos puseram à prova outras linhas militares, dando um sentido bastante distinto à guerra de guerrilhas. Mais do que interpretações errôneas da resposta cubana, trata-se de esquemas políticos *importados*, disfarçados de linhas militares e aplicados a condições históricas muito diferentes daquelas em que tais esquemas tiveram suas raízes. Tais são os casos das concepções da auto-defesa armada; certa maneira de entender a propaganda armada e a base guerrilheira; e finalmente, a sujeição da guerrilha ao Partido como uma peça a mais, acrescentada a seu organismo de tempo de paz.

Tais concepções, que ganharam força de linha em muitos lugares, dão à luta armada popular um conteúdo truncado, que se pode julgar pelos resultados. Será útil investigar quais concepções políticas as inspiraram e como algumas são imitações de experiências revolucionárias estranhas à América Latina e suas condições atuais.

Essas experiências negativas nos permitirão, talvez, desconcepções políticas as inspiraram e como algumas são imitações de experiências revolucionárias estranhas à América Latina e a suas condições atuais.

* * *

A AUTODEFESA ARMADA

A autodefesa, como sistema e como realidade, está hoje liquidada nos fatos. A Colômbia, com suas zonas de autodefesa

camponesa, e a Bolívia — com suas zonas de autodefesa operária — constituíam os dois países nos quais esta concepção tinha tomado fôrça de ação. Esses dois “focos de subversão”, em poucos meses foram liquidados pelo exército: Marquetália, ao Sul da Colômbia, ocupada em maio de 1964; e as minas da Bolívia, invadidas em maio e setembro de 1965, após trágicos combates. Esta dupla derrota assinala o fim duma época e testemunha a morte de certa ideologia. Fim de uma época: a do equilíbrio relativo das classes. Princípio de outra: a da guerra total de classes, que exclui as soluções de compromisso e a divisão do poder.

Ante a polarização atual entre explorados e exploradores num país neocolonial, o fato de que existia uma parcela de território na qual o Exército e o aparelho do Estado não podem proceder ao “exercício normal de suas funções”, é mais do que pode suportar a nova legalidade imperialista, mas não o suficiente para colocá-la em perigo. O fracasso da autodefesa armada das massas corresponde, no plano militar, ao fracasso do reformismo no plano político.

No novo marco da luta até a morte não há lugar para as soluções bastardas, para a procura de equilíbrio oligarquia-fôrças populares, para os pactos tácitos de não-agressão. A ditadura das oligarquias nos coloca na alternativa de destruí-la em bloco ou aceitá-la em bloco: não ficar no meio.

Além do mais a autodefesa está hoje desacreditada; seus partidários de ontem a transformaram no início de formas mais altas de lutas. Mas, cuidado! Tende a ressuscitar sob formas mais sedutoras e, é claro, ocultando seu nome. Tende a ressuscitar porque enraiza-se numa ideologia vivaz como Proteu. No momento em que a autodefesa se afundava, o trotskismo chegou para dar-lhe a mão e tentar salvá-la. Este ressurgimento é o que nos preocupa agora.

No substrato ideológico da autodefesa, encontram-se ideologias das quais Lênin disse repetidamente que eram naturais da classe operária e que voltariam a ficar na frente sempre que os marxistas e os comunistas se descuidarem: o “economismo” e o “espontaneísmo”.

O economismo é a defesa exclusiva dos interesses profissionais dos trabalhadores contra as usurpações do poder pa-

tronal através do sindicato; excluindo o ataque ao poder político dos patrões e ao Estado burguês, essa defesa aceita e abala de fato o que pretende combater. Não é por acaso que na Bolívia, onde por muito tempo tem predominado a tradição anarco-sindicalista, entre os trabalhadores, a luta destes tenha-se mantido desde a revolução de 1952 sob a forma de milícias operárias de autodefesa.

O termo autodefesa não é o mais conveniente, pois êle sugere uma atitude passiva, temerosa e recuada, mas êste não é sempre o caso. Quem põe em dúvida o heroísmo combativo dos proletários europeus antes da “importação do marxismo à classe operária”, segundo a fórmula de Lênin? E a habilidade e a coragem dos camponeses colombianos, que foram as vítimas principais da terrível guerra civil de dez anos, onde caíram mais de 160 mil deles? Quem negará que a abnegação e a solidariedade dos operários parisienses das Jornadas de Junho da Comuna encontram-se hoje nos 40 mil mineiros e “fabries” de La Paz, heróis da primeira revolução operária da América, em 1952?

A autodefesa não padece de uma falta de audácia de seus promotores. Pelo contrário, padece de uma admirável profusão de sacrifícios, de um gasto desnecessário de heroísmo que não conduz a nada, isto é a tudo menos a conquista do poder político. Melhor será, pois, falar de um espontaneísmo armado. Sua própria origem ideológica nos revela sua época de aceitação: anterior a Marx. Autodefesa poderia ser chamada a insurreição indígena dirigida por Toyac Amaru II no Peru, em fins do século XVIII. Os índios se levantaram por dezenas de milhares, expulsaram os latifundiários “criollos”, mataram os espanhóis no mesmo lugar e recuperaram suas terras roubadas pelas “encomiendas”. O movimento logo se dispersou em vitórias locais; os índios, à medida que se aproximavam do litoral, ocupavam as terras e permaneciam na montanha: nenhum exército mais ou menos regular, nenhuma fôrça de choque independente, os insurgentes — donos do país — desprezavam marchar sobre Lima, cabeça do Vice-Reinado. Foi dado tempo, pois, para reagrupar um exército e a reconquista se realizou sem dificuldades, nas condições que podemos imaginar.

Autodefesa poderia ser chamada à insurreição dos Comunistas da Colômbia, dirigidos pela famosa Manuela Beltrán, quase na mesma época. Resumindo, houve insurreições operárias antes do advento do socialismo científico, assim como também houve guerras camponesas antes das guerrilhas revolucionárias: nem por isso possuem alguma coisa em comum. A guerrilha está para a sublevação camponesa assim como Marx está para Sorel.

Assim como o economismo nega o papel de vanguarda do Partido, a autodefesa nega o papel de destacamento armado, organicamente distinto da população civil. Assim como o reformismo aponta a constituir um partido de massas sem seleção dos militantes nem organização disciplinada, a autodefesa aspira a integrar a todos na luta armada, a constituir uma guerrilha de massas, com mulheres, crianças e animais domésticos no seio da coluna guerrilheira.

Assim como o espontaneísmo não aspira ao poder político para os explorados e, em consequência, não se organiza em partido político, a autodefesa não aspira à supremacia militar dos explorados e, em consequência, não aspira a organizar-se em exército popular regular, com sua mobilidade e iniciativa próprias. Diz-se que há autodefesa onde a força móvel estratégica não é o objetivo número um da luta armada, ali onde a conquista do poder político não é a perspectiva consciente e visível da luta armada. A autodefesa não exclui necessariamente a insurreição. Mas esta insurreição será sempre local e não procurará estender sua ação ao conjunto do país: a autodefesa é parcial e a guerrilha revolucionária aspira a guerra total, ao combinar — sob sua hegemonia — todas as formas de luta em todos os pontos do território. Sendo local e, portanto, antecipadamente localizada, a comunidade em autodefesa não tem iniciativa. Não pode eleger o lugar de combate, não se beneficia da mobilidade, do efeito de surpresa, nem da capacidade de manobra. Descoberta, a zona de autodefesa será objeto de cerco e de um ataque detalhadamente preparado pelo inimigo, no momento escolhido por ele. A zona ou a cidade defendidas por sua população não podem senão esperar passivamente o ataque do inimigo e depender de sua boa vontade. Também não obriga o inimigo a “dar os passos

necessários para que a situação não recue...” (“Che” Guevara). Não obriga a democracia representativa — ou o regime oligárquico — a revelar à luz do dia seu conteúdo de classe; a autodefesa permite à classe dominante não tirar a máscara como ditadura da violência; mantém o equilíbrio ditadura oligárquica—pressão popular” em lugar de “violentá-lo” (“Che”). Entra no jogo e faz o jogo da classe dominante, favorecendo os equívocos no seio das classes proletárias, fantasiando de vitória as soluções de compromisso.

No Vietnã e também na China, a autodefesa armada dos camponeses, organizada em milícias, têm desempenhado um papel muito importante, como pedra básica do edifício das forças armadas de libertação. Mas a autodefesa se estendia a zonas militarmente já libertadas ou semi-libertadas e não constituiu de maneira nenhuma zonas autônomas. Esses territórios de auto-defesa não eram viáveis senão em razão de uma guerra total que se lavrava em outros pontos, com as forças regulares e móveis do Vietnã. Permitiam integrar toda a população nessa guerra sem fazer descansar sobre ela o peso principal da luta; dispersando o corpo expedicionário francês, apressava a tarefa das forças regulares e semi-regulares, permitindo-lhes concentrar um máximo de efetivos nas frentes de combate, escolhidas em função dos planos estratégicos elaborados por um Estado Maior. Na América Latina, mais que no Vietnã, a autodefesa não pode *manter-se sozinha*, ao menos se se pretende evitar a exclusão da população civil.

“A autodefesa não é nada mais que uma parte mínima de um todo com características especiais” — escreve “Che” Guevara no prólogo das obras de Giap. Nunca pode conceber-se uma zona de autodefesa como um todo em si, isto é, uma região onde as forças populares tentem defender-se do ataque inimigo, enquanto todo o território exterior à dita zona permanecer sem convulsões. Se tal ocorresse, o foco seria localizado e esmagado, a menos que se passe imediatamente à primeira fase da guerra do povo, isto é, a guerra de guerrilhas.

Após algum tempo que “Che” escreveu esse texto, “a zona de autodefesa camponesa” de Marquetalia e as outras “repúblicas independentes” foram ocupadas e dissolvidas pelo ini-

migo e Marulanda teve que voltar à guerrilha móvel. Uma zona de autodefesa estabelecida, quando não é o resultado de uma derrota militar, ainda parcial, das forças inimigas nem está protegida por uma frente guerrilheira em ofensiva constante, não é que um colosso com os pés de barro, sua queda acerta num golpe o moral das forças populares e será tanto mais grave e inesperado quanto mais inalterável pareça este tipo de *status quo*; uma mitologia eufórica se desenvolve, envolve a realidade dessas zonas: como faz anos que estas duram, se esquecem que são o fruto de um compromisso tácito, não de uma vitória real e se acredita que são inespugnáveis. A vigilância se adormece; se esquece cada vez mais de pôr à prova das milícias, velar por seu treinamento, por seu armamento; a disciplina se relaxa.

Do lado revolucionário, esses territórios pressupostamente libertados se convertem em simples objeto de propaganda política, *limitados* para a inação mais que incitações para maiores ações. Do lado da reação, são achados pretextos para apresentar-se como guardiã da unidade e da integridade nacional, ameaçadas por este *tumor canceroso*; e para atacar os comunistas como "separatistas"; a burguesia infla pouco a pouco o perigo real e o medo que sente, com fins de propaganda; inflamento do qual podem ser vítimas os próprios revolucionários, que acabam por acreditar que a guerrilha é de fato um câncer, e que só o tempo se encarregará do paciente. Assim, o "desinflamento" dessas zonas, quando o exército passa ao ataque — depois de longos preparativos realizados com toda comodidade — fará maior efeito: grande vitória para a burguesia, grande derrota para a revolução "castro-comunista"... Que acontece, na realidade?

* * *

Se julgarmos pela história de Cuba e de alguns outros países da América Latina, a guerra de guerrilhas parece passar pelas etapas seguintes: a etapa do assentamento primário; a do desenvolvimento, assinalada pela ofensiva inimiga, levada a efeito ainda com todos os meios disponíveis (cêrcos operativos e táticos, tropas aéreo-transportadas, bombardeios etc.);

finalmente, a etapa da ofensiva revolucionária, política e militar de uma vez só.

Durante a primeira etapa, a mais difícil de superar, evidentemente a mais exposta às contingências de toda natureza, o grupo inicial conhece um período de nomadismo absoluto, do começo; depois, um período mais longo de fortalecimento ou ambientação dos combatentes, organização dos mensageiros, de linhas de abastecimento, de revezamento de depósitos de armas, para chegar à fase final de instalação verdadeira, ou constituição mínima de uma zona operações. Esta progressão vê crescer o número de combatentes em valor absoluto, mas também diminuir sua proporção relativa, pois se desenvolvem os serviços, as pequenas indústrias, os quadros oficiais; em outras palavras, a parte da técnica aumenta (armamento, comunicações, produção, explosivos, escolas de recrutas, etc.) para responder ao desenvolvimento da potência de fogo da guerra e de seu poder ofensivo.

Pois bem, uma zona de autodefesa como a de Marquetália, dava a impressão de ter chegado ao final dessa primeira etapa (consolidação de uma zona de operações) e de que podia passar à segunda: fazer frente a uma ofensiva inimiga, tomar a iniciativa tática, destacar elementos da coluna-mãe para criar novas frentes guerrilheiras. Nada disso. Como os territórios de grandes minas de estanho nacionalizadas estão distribuídos uma luta armada revolucionária senão de uma guerra civil entre conservadores e liberais — sem conclusão clara, sem efeito sobre o potencial militar do inimigo — a guerrilha, começando pela de Marquetália, teve que voltar à primeira fase, à fase nômade, sem deixar de estar embaraçada pelas famílias dos combatentes, as tarefas de evacuação da população, o cuidado do gado e das propriedades agrícolas, etc.

Na Bolívia: uma situação análoga, num meio operário, assume aspectos de tragédia. Vinte e seis mil (26.000) mineiros de grandes minas de estanho nacionalizadas estão distribuídos por quase todo o altiplano, mas a principal fortaleza mineira se concentra numa faixa de terreno de 15 Kms. de comprimento por 10 de largura, onde se encontram as minas "Siglo Veinte", "Huanuni" e "Catavi". Em 1952, os mineiros destroem o exército da oligarquia, estabelecem um governo liberal, rece-

bem armas e uma aparência de poder. A revolução se aburguesa. Os mineiros se dividem pouco a pouco. Têm armas, milícias, rádio, um sindicato poderoso, dinamite e detonadores — instrumentos de trabalho diário — e, além disso, o controle da riqueza fundamental do país, o “metal do diabo”, o estanho. Voltados sobre si mesmos, semi-impotentes, deixam a burguesia nacional reconstruir o exército e marcam seu reinado de greves, escaramuças e combates. Em poucas palavras, sobrevivem; e depois, como é natural, o exército colocado de pé pela burguesia os engole com um golpe de estado, dos Estados Unidos chega a ordem de destruir o movimento operário e a junta militar provoca friamente os trabalhadores a deter seu velho chefe sindical, Lechim. A greve geral indefinida, proposta pelos trotskistas, é decretada em maio de 1965; as tropas de elite do exército, “tanger’s”, tropas paraquedistas especiais e a infantaria clássica cercam as minas e desencadeiam um combate frontal contra as milícias dos mineiros; a aviação bombardeia uma mina perto de La Paz e metralha outra. Resultado: centenas de mortos do lado dos mineiros e por dezenas do lado dos soldados; as minas são ocupadas pelo exército, os soldados forçam as portas das casas e metralham as famílias. Se prescreve, se prende ou mata os dirigentes sindicais e os mineiros mais combativos. Objetivo alcançado. Tudo está em ordem, ainda o ódio e as lágrimas de raiva. Até a próxima vez.

No marco de uma insurreição geral combinada entre as diversas minas, La Paz e certas regiões rurais, se esta insurreição vem a coroar uma longa guerra de desgaste lavrada em outras partes e com outros meios, os mineiros organizados em sindicatos revolucionários podem desempenhar um papel decisivo. Mas uma coisa parece ser impossível: que uma insurreição espontânea acabe em poucos dias com um exército moderno, treinado por uma missão militar norte-americana, bem equipado, dotado de uma força de choque numericamente reduzida mas agressiva. Em resumo, os tempos estão mudados: é difícil repetir 1952 em 1966. Que possibilidade de defesa e de ataque vitorioso têm os mineiros hoje?

Os milicianos são trabalhadores de minas nacionalizadas. No caso de greve ou insurreição, o governo fecha as estradas,

isto é, corta o fornecimento de víveres. O abastecimento dos habitantes das minas se efetua de La Paz, por trem e caminhão. No lugar, a 4.000 metros de altura, não produzem grande coisa; algumas comunidades de índios aymaráes cultivam batatas e quina, e secam carne de llama. Desta economia de subsistência não se tira nada sério. Por isto os camaradas têm necessidade de uma vitória rápida, pois não dispõem de víveres para mais de uma dezena de dias; passado esse tempo, não há mais leite para os meninos, não há mais medicamentos nos hospitais, não há mais carne no empório. Em compensação, os mineiros impedem a saída do mineral, bloqueiam os trens à saída das minas. Mas a briga é desigual: iniciam vencidos. O governo tem fundos nos bancos, empréstimos norte-americanos a sua disposição, armazéns comerciais, acesso ao porto de Chile e pode manter-se longo tempo sem os minérios. O mineiro em armas compromete cada dia um pouco mais o abastecimento de sua família; a sorte de um é a sorte do outro, vê seu filho esvaír ante seus olhos e seus companheiros de trabalho atacados pela silicose, esgotados e agonizantes por falta de medicamentos.

Se vivessem sôzinhos, independentes, se fossem organizados em unidades reduzidas, um golpe rápido contra os armazéns das cidades vizinhas bastaria para abastecê-los por umas semanas. Mas tal como estão, a fome alcança por igual a eles e à suas famílias.

As minas são também cidades, imensas barracas cinzas sem janelas, construídas a alguma distância dos poços, onde vivem as famílias. Altiplano gelado. Nem árvores nem arbustos: um socalco de terra roxa que se prolonga até o horizonte, uma luminosidade intensa. As casas se alinham em fileiras retilíneas, objetivo fácil e destacado para os bombardeios. O bombardeio não compromete a produção: se trata só da população. Ademais, a mina é subterrânea e as instalações de superfície reduzidas. Os fornos de fundição estão na Inglaterra e nos Estados Unidos. Outra debilidade: as minas estão separadas por várias dezenas de Kms.; é fácil para o exército isolá-las e dominá-las uma por uma; difícil para os mineiros agruparem-se para coordenar a resistência. Nenhum plano, nenhum comando militar centralizado, nenhuma preparação

militar nem meio de transporte; além disso, só os movimentos noturnos seriam possíveis às formações da milícia. No máximo, alguns "comandos" poderiam mover-se de dia sobre objetivos limitados, ainda na retaguarda do inimigo, para as cidades. Mas este tipo de ação transborda a autodefesa e as condições concretas de vida dos milicianos, que não têm cada dia senão tempo para dormir e mal-curvar para continuar seu trabalho, por um salário médio de 30 ou 40 dólares por mês. Daí a impaciência ou o desespero. É preciso fazer algo para romper o cerco. Mas quê? Ação suicida, sem preparo; a dinamite nada pode contra uma metralhadora 30, quando é lançada a mão; e os fuzis, velhos, de repetição, datam da guerra do Chaco. Poucas balas, que são caras. E que se pode, contra a aviação?

Para destruir um exército é necessário outro, o que supõe treinamento militar, disciplina e armas. A fraternidade e a coragem, não fazem um exército. Exemplos: Espanha, a Comuna de Paris. Presos em seus lugares de trabalho, junto com as mulheres que combatem e as crianças; expostos a todas as represálias contra os seus e contra si mesmos; sem capacidade de manobra, nem para destacar-se de sua base em formações organizadas; sem organização militar, nem direção nem meios. Em resumo, sem possibilidade material de transformar-se em força móvel, os mineiros estão simplesmente condenados à morte. Depende do exército escolher o dia e a hora da morte: por onde começarem, por que rota subirem as colunas de soldados, onde aterrizarem as tropas especiais. A iniciativa e o segredo dos preparativos são deixados à tropa; aos mineiros, somente a ostentação, com seus próprios recursos, à luz do dia. Se atacarem, sua base de partida — já conhecida — é facilmente liquidada. Seu contra-ataque, por outra parte, não pode ir muito longe, pois a natureza do terreno é tal, que sua base lhes retém e lhes atraem, como um elástico nas costas. Dotar ou não as forças populares de um destacamento armado, organicamente independente da população civil, liberado das tarefas da defesa civil e que aspira à conquista do poder político, tal é o critério decisivo que distingue a fraseologia e teoria revolucionária.

Sabe-se que o trotskismo mistifica o sentido comum, já que em sua própria divisão está sua força. Está em todas as partes e em nenhuma, se entrega ocultando-se, não é jamais o que é, trotskista. A ideologia trotskista surge hoje de vários lados, tomando como pretexto alguns fracassos transitórios da ação revolucionária, mas é sempre para propor a mesma "estratégia da tomada do poder". Vamos resumi-la.

As massas operárias e camponesas reclamam em toda parte o socialismo, mas não sabem ainda, por estarem sob o domínio das burocracias stalinistas. É preciso despertar, pois, a espontaneidade latente dos trabalhadores. Para obter esse fim, a guerrilha não é a forma mais elevada da luta revolucionária, é preciso instalar na base o "poder duplo", isto é, chamar à formação de comitês de fábrica e comitês de camponeses, cuja proliferação permitirá enfim constituir a Confederação Única dos Trabalhadores; esta Confederação, através da insurreição instantânea e geral da montanha e da cidade, será o instrumento da tomada do poder. O trabalho de agitação deve desde já aspirar a desencadear greves e passeatas operárias. No campo, a constituir sindicatos camponeses; proceder à invasão das terras, organizar insurreições localizadas, que pouco a pouco ganhem a cidade com a palavra de ordem de: Revolução Socialista. Os trabalhadores devem desde já, passo a passo, assumir o controle dos meios de produção. Depois, levantarem-se diretamente contra o poder do Estado no ato, sem intermediários, nem destacamentos especializados. A Revolução partirá das lutas econômicas existentes ou latentes, que se agravaram até converter-se em insurreição de massas: se passa diretamente da ação sindical à insurreição.

O Peru, a Guatemala e o Brasil (São Paulo e Nordeste) foram os três países eleitos pelo "Bureau Latino-Americano" de Buenos Aires, seção da "IV.^a Internacional". Assim agiu Hugo Blanco, chegado da Argentina, com os camponeses do *Valle de la Convención*; as ligas camponesas de Julião deviam ser "trabalhadas" no mesmo sentido e tal foi a linha imposta pela Internacional de Posadas até estes últimos meses a Yon Sosa na Guatemala, aproveitando seu estado de abandono e a falta de ajuda de outras organizações políticas. "Revolu-

ção *Socialista*", em seu tempo órgão do "13 de Novembro", escreveu em seu primeiro número (julho de 1964): "A concepção de organizar a insurreição armada por etapas através da chamada guerra do povo, é formal, burocrática e militarista. Leva no fundo à subestimação das massas, sua utilização e a postergação da sua intervenção direta".

O trotskismo dá uma grande importância ao caráter socialista da Revolução, ao seu programa futuro e gostaria que o julgamento fôsse baseado nesta questão puramente fraseológica, como se declarar mil vezes que a Revolução deve ser socialista lhe ajudasse a nascer. Mas o nó da questão não é teórico, reside nas formas de organização através das quais se realizará a "Revolução Socialista". Então se descobre não somente que essa revolução de que nos falam é uma utopia, senão que os meios que se empregam para isso não nos levam à revolução e sim à liquidação muito pouco utópica dos movimentos populares existentes. Deixemos, neste ponto, a palavra à Frente Guerrilheira "Edgar Ibarra", destacamento das FAR da Guatemala que, depois de ter demonstrado a falácia de um programa democrático-nacional para a revolução guatemalteca é a "inexistência da burguesia nacional", dirige-se assim ao movimento trotskista:

"Toda esta posição (trotskista) leva, mediante uma hábil manobra, a tirar-lhe o conteúdo revolucionário à guerrilha; a negar seu desenvolvimento até converter-se no exército do povo; a negar o papel do campesinato na guerra revolucionária de nossos países; a ocultar o caráter de guerra prolongada da luta armada e apresentar ilusoriamente a perspectiva insurrecional a curto prazo; a dividir as forças do povo e os esforços dos revolucionários, distraíndo-lhes na organização pacífica de sindicatos e organizações de massa."³ Decidimo-nos, por um momento, a levar a sério a concepção trotskista e não pura e simplesmente como provocação, o que é na prática. Saltam à vista várias confusões. O decalque do modelo operário de bases de empresa e sindicatos proletários sobre a realidade camponesa (o que é válido na fábrica da metrópole capitalista seria válido para a comunidade indígena, que tem a idade da sociedade maia ou inca); a subestimação, paradoxal depois de semelhante cópia, do papel da

classe operária como força diretriz da revolução; a confusão da luta armada — como um longo processo de formação de um exército popular no campo — como o assalto direto ao poder ou a insurreição tipo bolchevique na cidade; uma incompreensão total da relação de forças entre a classe camponesa e a classe dominante. Quaisquer que sejam essas confusões teóricas, e há muitas, uma coisa é certa: o belo aparelho verbal funciona na realidade como uma *armadilha* e ela se fecha sobre os trabalhadores agrícolas e às vezes também sobre seus promotores.

Promover assembléias públicas do povo numa aldeia indígena, reuniões sindicais abertas, é simplesmente denunciar seus habitantes às tropas repressivas e os quadros políticos à polícia; é enviá-los à prisão ou à fossa.

"A palavra de ordem da ocupação de terras e fábricas — dizem os companheiros guatemaltecos no mesmo documento —, que poderia ser empregada em determinadas etapas da luta, ao ser reivindicada anárquicamente provoca matanças e reveses enormes aos camponeses e operários que não têm ainda recursos para apoiar as invasões."

"A famosa "disputa" da propriedade dos meios de produção à burguesia, é inconcebível sob o controle de todo o aparelho de repressão pelas classes dominantes. Esta tática poderia ser aplicada em zonas onde o desenvolvimento da guerrilha ou do exército popular impediram a onda repressiva. De outra maneira, oferece os pontos mais vulneráveis do povo aos golpes do inimigo. Ações como estas podem adquirir conteúdo de verdadeira provocação causando derrotas que conduzam o povo a inibir-se politicamente como única forma de defender-se da repressão."

"No fundo, o trotskismo é uma metafísica revestida de boas intenções."⁴ Acredita na bondade natural dos trabalhadores, sempre pervertida pelas burocracias malignas, mas no fundo jamais abolida. Há uma essência proletária presente no fundo dos camponeses, igual à dos operários, que nenhum acidente poderá alterar. Basta, para revelá-la a si mesma, devolver-lhes a palavra, fixar-lhes os objetivos, que eles vêm sem enxergar, que se propõem em silêncio e o socialismo passará aos fatos de um golpe, sem atraso, puro. Porque o

trotskismo, chegado a seu último ponto de degeneração, é uma metafísica medieval, está sujeito às monotonias de sua função. No espaço, onde seja, igual; as mesmas análises de conjunturas servem no Peru e na Bélgica. No tempo, inalterável; o trotskismo não tem nada que aprender da história, já tem a chave dela: a guerra permanente dos trabalhadores, indefectivelmente socialistas — por essência — até em sua atividade sindical, contra o formalismo perverso das burocracias stalinistas: Prométeu lutando sem parar contra um Zeus de mil cabeças, para roubar e manter vivo o fogo da libertação. Onde já se viu a análise concreta de uma situação concreta na pena de um trotskista? Condenado a viver no presente com as categorias do passado, se estiola em vida. Não têm mais que fracassos? Os sabotadores da revolução estão em tôdas as partes. A contradição é que êsses guardas do espontaneísmo das massas, partidários do abandono do proletário agrícola a seus rancores selvagens, liberado dessa casta "militarista" chegada das cidades que são os guerrilheiros e, ao fim, devolvido a si mesmo — são freqüentemente militantes estrangeiros, vindos de fora ou de um país vizinho. E não chegado para participar dum Movimento de Libertação, para servi-lo, o que é internacionalismo mesmo, e sim para dirigi-lo e assumir seu controle, utilizando suas debilidades, o que é diferente.

Espontaneísmo estranho: não nasce no lugar, importa-se. Mas por que surpreender-se? Metafísica abstrata, sem contato com a realidade da história, nem ainda de uma só história, a ideologia trotskista não pode senão ser aplicada de fora. Não cabendo em parte nenhuma, tem que aplicar-se em toda parte, pela força."*

Vem assim a ocorrer, nos fatos, que paradoxalmente para o trotskismo ultrarevolucionário — assim como para a autodefesa reformista — a guerra de guerrilhas traduz uma tendência militarista a afastar-se das massas. A insurreição trotskista se assemelha à autodefesa: provocações uma e outra, em nome das massas contra os aparelhos, em nome da ação das massas contra a ação de um "grupo de aventureiros". As massas têm boas costas. Êsses bons teóricos as levam ao suicídio cantando hinos a sua glória. Uma e outra fazem do

sindicato a base da organização e o motor da luta de classes; a autodefesa na realidade, e o trotskismo na realidade e na teoria.

Vemos aqui o que nos explica uma surpreendente coincidência: falam-nos de trotskistas ultra-esquerdistas; é exatamente o contrário. Trotskismo e reformismo unem-se para condenar a guerra de guerrilhas, brecá-la ou sabotá-la.*

Não é por acaso que êsses dois movimentos tomaram a Revolução Cubana como alvo de seus ataques em tôdas as partes, na América Latina como no resto do mundo. Isto é o que explica também porque os novos movimentos guerrilheiros que surgem com força, — como as FALN da Venezuela, sob o comando de Douglas Bravo; como as FAR na Guatemala — têm que bater-se em duas frentes.

A carta-programa das Forças Armadas Revolucionárias da Guatemala, já citada, está dirigida ao mesmo tempo ao Partido Guatemalteco do Trabalho (Comunista) — na sua antiga forma, antes de sua transformação — e ao Movimento 13 de Novembro, de Yon Sosa, então dominado pelos trotskistas. Com base nessa notável definição das formas e do conteúdo da revolução guatemalteca, criaram-se as novas Forças Armadas Revolucionárias, em fim de 1965, de acordo com o Partido Guatemalteco do Trabalho, renovado e rejuvenecido.

Que ensina a experiência adquirida até hoje? A guerrilha revolucionária é clandestina. Nasce e se desenvolve em segredo; os próprios combatentes usam pseudônimos. No início, se mantém invisível e quando se deixa ver é no momento e lugar escolhido pelo seu chefe. Em sua ação, como em sua organização, a guerrilha é independente da população civil. A proteção da população repousa na destruição progressiva do potencial militar inimigo, é relativa à relação global das forças: a população estará totalmente segura quando as forças adversas forem postas totalmente fora de combate. Se o objetivo principal de uma guerrilha revolucionária é a destruição do potencial militar inimigo, não pode esperar que o inimigo chegue a ela para tomar iniciativas e passar ao ataque. Esse objetivo, em todo caso, requer do foco que este se mantenha independente das famílias residentes em sua zona de operações.

Primeiro, para proteger a população do exército de repressão. Frente aos guerrilheiros inassecíveis, o exército desata a vingança sobre os camponeses supondo que estejam em contato com aquêles; se descobre alguém que não comunicou alguma informação à tropa, o matará e o chamará guerrilheiro em seu informe ao Estado Maior, para tirar mais proveito de seu heroísmo.

A mobilidade, vantagem da guerrilha revolucionária sobre a população civil, lhe impõe uma responsabilidade especial frente aos camponeses, expostos dia e noite à repressão, eternas vítimas por substituição. A guerrilha é, pois, clandestina por partida dupla e preocupa-se tanto com a segurança dos camponeses como da dos combatentes. As duas seguranças, afinal, não são mais que uma só.

Os guerrilheiros evitam tanto ir ao povo como permanecerem em determinadas casas ou terras de uma família conhecida de todos; se penetram num povoado, vão a todas as casas, para comprometer todas as famílias, sem fazer ressaltar como colaboradora nenhuma delas. Se têm que fazer um comício, simulam reunir a população pela força e esta terá assim, frente a repressão, a excusa de ter cedido pela ameaça. Os contatos se fazem fora do povoado, clandestinamente e, claro, fora dos acampamentos guerrilheiros, utilizando, se for necessário, intermediários, pessoas ou objetos. Informantes e colaboradores não se conhecem entre si. Na guerrilha mesmo, um número muito pequeno de responsáveis conhece as redes de contato. Um colaborador "queimado" da região que pede para integrar-se à guerrilha é aceito sem discussão, ainda que chegue sem armas; etc.

Em segundo lugar, para proteger a própria segurança da guerrilha. "Vigilância constante, desconfiança constante, mobilidade constante". Estas são as três regras de ouro. As três concernem à segurança. Várias razões de peso impõem a desconfiança com respeito da população civil e obrigam, pois, a manter-se afastados dela. Por essa mesma situação, os civis estão expostos à pressão e à presença constantes do inimigo, que tentará comprá-los, corrompê-los ou tirar-lhes com a violência o que não pôde comprar.

Além disso, por não terem sido submetidos a uma seleção e a uma preparação técnica militar similar à dos combatentes, os civis da zona de operações estarão mais expostos à infiltração do inimigo ou à corrupção moral.

Por isto os camponeses, ainda os colaboradores, não podem geralmente ir aos acampamentos, cuja localização ignoram, da mesma forma que ignoram — é claro — os diferentes depósitos, os lugares de destino ou a orientação real das patrulhas guerrilheiras que podem ver passar. "Ocultávamos nossas intenções aos camponeses — conta "Che" — "e se alguém passava por alguma encruzilhada, o retínhamos até que anoitecera."

Esta vigilância não é forçosamente desconfiança: um camponês pôde facilmente cometer uma indiscrição e mais facilmente ainda ser submetido às torturas. Sabe-se porque esta vigilância se exerce particularmente sobre os guias, todos cuidadosamente desinformados pelos guerrilheiros sobre o lugar de onde vêm e para onde vão, etc.^o Daí a necessidade de não deixar jamais ninguém sair de um acampamento sem abandonar em seguida o acampamento. Se for um guerrilheiro portador de uma mensagem, conhecedor a fundo do terreno, na volta saberá unir-se à coluna em marcha, ou encontrar o novo acampamento. Com efeito, tem-se comprovado mais de uma vez que o homem — guerrilheiro ou camponês — obrigado por suas funções a ir e vir da montanha à cidade, a levar uma mensagem, a trazer uma informação ou fazer um contato, está particularmente exposto à ação do inimigo. Por meio dele se tenta infiltrar a guerrilha, de boa maneira ou pela força, e graças a ele se pode localizar os combatentes do foco.^o

Segundo Fidel, o perigo que representa esta função de agente de ligação entre a guerrilha e a cidade, é de ordem psicológica; ao começo, o jovem combatente ainda vacilante sobre as oportunidades de vitória da guerrilha, sai do acampamento para realizar uma missão. Depois descobre a força e a pompa do exército que cerca a região, seu equipamento e seus efetivos. Então pensa no bando de famintos que acaba de deixar; o contraste é demasiado grande e a tarefa parece irrealizável; perde a fé na vitória; acha ridículo ou desmesu-

rado querer vencer tantos soldados com tantos caminhões, helicópteros, víveres e aparelhos de tôdas as classes. Cético, está a partir dêsse momento a mercê do inimigo. Assim são os novatos a princípio. A cidade desmoraliza principalmente aos mais fracos.

Resumindo: as vantagens de que dispõem uma guerrilha sobre o exército repressivo são utilizáveis só se puder manter e preservar sua agilidade e sua flexibilidade. Frente a qualquer operação, o segredo dos preparativos, a rapidez de execução e a surpresa requerem grandes precauções. Sob pena de perder a iniciativa, a velocidade nos seus movimentos, sua capacidade de manobra, uma coluna guerrilheira não pode levar mulheres, crianças e todo o material, nem animais domésticos de um povoado a outro. Confundir o êxodo dos civis com as marchas, muitas vezes forçadas, de uma guerrilha, é privá-la de toda capacidade de ataque; logo não tem com que defender esta mesma população da qual se fez carga — limitada a tarefas de proteção civil ou autodefesa, a guerrilha deixa de ser a vanguarda de todo povo e priva-se de toda perspectiva nacional. O contra-ataque, ao contrário, cataliza as energias populares e faz do foco em desenvolvimento um polo de atração para todo o país. A autodefesa reduz, pois, a guerrilha exclusivamente a um papel tático e a priva de todo alcance estratégico revolucionário. No plano em que se coloca, se assegura pôr em tempo limitado a proteção da população, a longo prazo a compromete. Deixar-se atacar ou limitar-se à defesa passiva é colocar-se na impossibilidade de proteger a população e expor suas próprias forças ao desgaste. Em compensação, procurar atacar o inimigo é pô-lo numa defensiva incessante, esgotar sua iniciativa e fazer suas buscas difíceis. Esta é a melhor maneira de levar ao fim nossa gloriosa missão: proteger a população! Essas diretrizes foram dirigidas aos combatentes do Vietminh na sua guerra de libertação contra os colonialistas franceses. — Com maior razão, são válidas para muitos países da América Latina.

A PROPAGANDA ARMADA

A luta guerrilheira tem motivos e fins políticos. Deve apoiar-se nas massas ou desaparecer. Convencer as massas de

suas boas intenções antes de envolvê-las diretamente, a fim de que a rebelião se torne realmente, pelo seu recrutamento e origem de seus combatentes, na "guerra do povo". Para convencer as massas é preciso dirigir-se a elas, isto é, dirigir-lhes discurso, proclamações, explicações, em resumo; realizar um trabalho político, "um trabalho de massas". O primeiro núcleo de combatentes se dividirá em pequenas patrulhas de propagandistas, e percorrerá separadamente a montanha, penetrando nos povoados realizando comícios, tomando a palavra aqui e ali para expor os fins sociais da revolução, denunciar os inimigos de classe do campesinato, prometer a reforma agrária, o castigo aos traidores, etc. Se os camponeses não acreditam, é preciso devolver-lhes a confiança em si mesmos, inculcando-lhes a fé revolucionária: a fé nos revolucionários que lhes falam. Serão criadas bases nas populações, clandestinas ou públicas, se manterá ou fomentará as lutas sindicais, repetindo sem parar o programa da Revolução. Somente no fim desta etapa, quando se tenha logrado o apoio ativo das massas, uma retaguarda sólida, um fornecimento seguro, uma informação multiplicada, um correio rápido e uma base de recrutamento se passará à ação direta contra o inimigo. Tal é a linha da propaganda armada. Esta concepção se apóia numa experiência internacional indubitável.)

No Vietnam, a propaganda armada é ligada diretamente à organização de grupos de autodefesa no campo, parece ter desempenhado um papel decisivo no curso da guerra de libertação contra os franceses, e principalmente no curso do período de formação do Exército regular popular — 1940-1945, à medida que passaram da guerrilha à guerra de movimentos, logo o ataque de povoações fortificadas, pouco a pouco, os camaradas vietnamitas passaram da seção à batalhão, ao regimento e logo à divisão: crescimento não tão natural quanto se pensa, pois não corresponde, por exemplo, à linha de progressão da linha revolucionária chinesa, que colocou de repente no "front" exércitos regulares. No Vietnam o Partido Comunista foi o núcleo de organização a partir e ao redor do qual se desenvolveram as tropas do Exército Popular. Em 1944 para dar corpo e forma, ao Exército de Libertação o Partido Comunista criou a Seção de Propaganda do Exército

de Libertação. Assim, o Partido constituiu primeiro um núcleo de quadros revolucionários e organiza-o: tal foi a questão de propaganda do Partido, dirigido desde o princípio por Giap.

Depois, esse núcleo difundiu-se por todo o país para formar milícias populares e unidades de guerrilhas irregulares. Seu fim não era combater, mas formar unidades combatentes. Assim começou a edificar pela base, a pirâmide das Forças Armadas de Libertação Vietnamita, com seus três tipos de formação: as organizações para militares ou guerrilheiras, as tropas regionais e as unidades regulares. Ao nível da região ou da "interzona" (grupo de província), as tropas interzonais ou unidades semi-regulares. Enfim, o exército principal ou força moral estratégica, sem base fixa nem área determinada de operações. O melhor da guerrilha é vertido na força interzonal, o melhor dêle no exército regular, cada andar da pirâmide descansa assim no andar inferior sem misturá-los. Cada um tem sua função própria. A combinação e articulação destas três forças tem como base, de baixo para cima, o povo repartido e organizado em aldeias. A ponta da lança — o exército regular — estava ligado à base, mas era autônoma nos seus movimentos. Como explica o general Giap, a estratégia da guerra contra o Corpo Expedicionário francês descansava na possibilidade que tinha o Partido de fazer agir, ora alternadamente, ora simultaneamente, essas três forças uma contra a outra. A guerrilha e as formações interzonais dispersam o Corpo Expedicionário inimigo, num território vasto demais para êle, e o imobiliza fustigando-o. A força de manobra inimiga vê-se assim numericamente reduzida ao mínimo. Sua retaguarda nunca é segura. Ou está em tôdas as partes, e não dispõe já de uma força de choque concentrada, ou faz frente a um ponto só, e então descuida o resto do país.

"Se o inimigo se concentra, perde terreno, se se dilui, perde força". Os franceses anteriormente e os norte-americanos hoje, são ainda prisioneiros do dilema. Em qualquer caso, a guerrilha está destinada a isolar e reduzir a tropa de elite inimiga em combinação com os planos de manobra das forças regulares do povo para fazer agir sempre a inelutável lei segundo a qual um exército regular é colocado fora de combate quando sua elite é destruída. Quando em Dien Bien Phu a força de

choque francesa, 16.000 homens, foi eliminada, o corpo expedicionário ficou imobilizado ao mesmo tempo pelas milícias populares em todo o golfo de Tonkin e se encontrou decapitado. Depois, para destruir esta força de choque repressiva é necessário outra força de choque do lado popular colocando frente a frente em combate dois exércitos regulares, com a diferença de que o exército regular do povo se apoia, em todo momento, no conjunto da população (recrutamento, fornecimento, transporte, informação) se este apoio faltar, não pôdia nem sequer sustentar um combate.

Hoje as Forças Armadas de Libertação, no Vietnam do Sul, contam também com um Exército de Libertação propriamente dito, com tropas regionais e com milícias, chamadas guerrilhas. Mas as crianças, as mulheres e os velhos não podem incorporar-se diretamente na luta armada. Então como mobilizá-los? De que forma podem participar da guerra? Integrando-os à produção, à sabotagem, à informação, ao transporte, etc. Esta integração requer por sua vez a formação e organização de um exército político, sob a proteção do exército, só assim, a luta política serve à aprendizagem ou treinamento para a luta armada? É a forma de luta própria da retaguarda com fator de mobilização e compreensão.

Em resumo, luta política e luta armada vão juntas, onde uma é fraca, a outra também o é e vice-versa! Se num país como no Vietnam a propaganda armada tem estado na ordem do dia é porque aí se verificam inúmeras condições favoráveis. Muito esquematicamente, podem-se citar ou adivinhar as condições seguintes: Primeiro, a grande densidade de população camponesa, a superpopulação das aldeias ou povoados e o marcado predomínio da população camponesa sobre a população urbana permitem aos agitadores confundir-se com ela facilmente, como peixe na água.

Como aconteceu na China, esses propagandistas passam tanto mais invisíveis quanto o inimigo é um ocupante, soldado regular, estranho à vida da aldeia e ao costume do país, e não é impossível chamar sua atenção: franceses ou ianques no Vietnam, a japoneses na China. Já desproporção existente entre as forças numéricas do ocupante e a população do país não permite o controle de todo o território pelo corpo Expe-

2) dicionário, cuja rede de supervisão, de malhas muito largas deixa o campo livre.

Segundo: os propagandistas estão ligados ou às bases de apoio revolucionário, ou a um exército popular capaz de sustentá-los ou protegê-los na sua ação, além disso testemunham a realidade palpável e visível das histórias militares. As reuniões, comícios e assembléias nas aldeias têm um conteúdo pragmático: não são discursos vazios, programáticos, "belas palavras", tanto e tão justamente temidas pelos camponeses, senão uma conclamação à união ou apoio às formações combatentes existentes, os propagandistas e apóiam na luta real. A guerra é o ambiente objetivo cotidiano em que vivem os camponeses. E não centra qualquer inimigo, senão contra um inimigo estrangeiro, vindo de fora, que fala uma língua estrangeira e vive nas cidades como vive o invasor: um inimigo estabelecido recentemente no país para poder adquirir um prestígio natural que impeça ver suas raízes. Não é difícil questionar mentalmente seu poder, que descansa na força bruta, ao acaso de um tratado entre potências distantes, no direito de conquista, e não nos costumes nem na tradição ou a idiosincrasia nacionais. A propaganda armada vietnamita tem-se mostrado no marco de uma guerra de Libertação Nacional, de uma guerra efetiva presente em todas partes e sob todas suas formas, contra um inimigo estrangeiro localizado e fixo, por tropas regulares já formadas em alguns pontos fortificados ou não, do território.

As diferenças entre Vietnam e a América Latina apresentam o seguinte contraste. Enquanto no Vietnam a pirâmide militar das forças de libertação se constituem desde a base, na América Latina, tendem a instituir-se a partir da cúpula: forças permanentes, primeiro — o foco —; forças semi-regulares depois, nas imediações do foco; milícias ao final ou depois da vitória (Cuba). Na realidade como se apresenta a situação em numerosos países da América Latina?

3) Os focos guerrilheiros, ao começo da sua ação, ocupam regiões relativamente pouco habitadas, de população muito dispersa. Ninguém, nenhum recém-chegado, passa despercebido numa aldeia dos Andes, por exemplo, onde inspira,

antes de mais nada, desconfiança. Do forasteiro, do "branco", os Camponeses quichuas ou Cakchiqueles (malas) têm muitas razões para desconfiar; conhecem bem que as belas palavras não lhe darão o que comer nem protegerão dos bombardeios. O camponês pobre acredita antes de mais nada em alguém que tem poder, comunicando pelo poder de fazer, o que diz.

O sistema de opressão é sutil: está ali desde a existência da fome, cristalizado, instaurado, compacto. O exército, o guarda rural, a polícia do latifúndio, hoje "rangers" e boinas verdes ou pretas, e estão dotados de um prestígio tanto maior quando é menor a consciência. Esse prestígio é a forma primária de opressão: paraliza o descontentamento, fecha as bocas, faz engolir o insulto à vista da farda. O ideal colonial é ainda "mostrar sua força sem servir-se dela", mas mantê-la é já servir-se dela.

Dito de outro modo, a força física da polícia e do exército é tabu, e não se quebra um tabu com discurso, mas mostrando que as balas também o atingem. O guerrilheiro, inversamente deve usar sua força para mostrá-la, pois não tem outra coisa que mostrar, salvo sua resolução e sua capacidade para servir-se do pouco que tem. Usar sua força quase inexistente, para mostra, e ao mesmo tempo mostrar que a força do inimigo é principalmente sua vaidade. Para destruir esse tabu, esse vestígio secular de medo e humildade frente ao patrão, à polícia, o guarda rural, nada melhor que o combate. O tabu desaparece, rápido quando torna-se irrisório o respeito aos hábitos.

Os mesmos camponeses que empunham armas e se alistam na guerrilha, como os veteranos, chegam a subestimar o inimigo e a não tomá-lo a sério. Uma ação contrária impõe-se então à direção guerrilheira, num segundo tempo: devolver um pouco do seu prestígio ao inimigo para evitar aventuras.

A divisão e o controle direto das regiões pela reação ou pelo imperialismo com sua vigilância multiplicada, devem tirar de um grupo de propagandistas armados toda esperança de permanecerem clandestinos como "peixes na água". O destacamento armado e a vanguarda popular não tem que combater um corpo expedicionário estrangeiro de efetivos limitados, senão com um sistema perfeitamente instalado de dominação

local. Os estrangeiros são eles. Os sem-prestígio, os recém chegados que não podem dar à população, ao princípio, senão dor e sangue, são eles. Por outra parte, hoje as vias de comunicação se multiplicam, se constróem aeroportos com pistas nas regiões mais longínquas. Do outro lado dos Andes, por exemplo, entre a montanha e a depressão amazônica, a famosa estrada marginal da selva se propõe a unir as regiões tropicais da Venezuela, a Colômbia, o Peru e a Bolívia entre si e cada área tropical com sua capital. Quanto ao imperialismo norte-americano, tem multiplicado seus efetivos no campo, esforçando-se por aparecer, não sob uma forma repressiva, mas ao contrário sob forma de assistência técnica social. São conhecidos todos os planos sociológicos em curso, com pessoal internacional, sob a carapuça universitária, ou diretamente da OEA, destinados a "fotografar" a situação social, econômica e individual de cada família das "áreas perigosas".

Plano 208 da OEA na Bolívia? "Simpático" na Colômbia? Plan JOB 430 na Argentina, "Camelot" no Chile, "Colsnh" no Peru etc. Milhares do "Corpo de Paz", alguns deles à força de trabalho, paciência e às vezes abnegação real, têm logrado "integrar-se" nas zonas rurais, aproveitando a falta de trabalho político das organizações de esquerda no campo, os missionários católicos, evangelistas, metodistas, adventistas, pululam hoje até nas regiões mais remotas.

Em resumo, todo esse aparelho de controle de malhas finas vem a somar-se ao aparelho de dominação propriamente nacional. Sem exagerar a profundidade e o alcance de sua penetração, criam uma situação diferente.

A ausência, enfim, de forças regulares ou semi-regulares revolucionárias já constituídas. A propaganda armada, quando está animada de intenções combativas, pretende precisamente formar unidade regulares ou aumentar as unidades existentes graças a um trabalho de "recrutamento político". Assim, se procede a tomara de aldeias para reunir ali a população a realizar comícios de propaganda. Na realidade de que maneira se tem ajudado aos habitantes dessas aldeias a libertarem-se de seus adversários de classe? No curso dessas operações, poucas armas foram recuperadas. Ainda que o entusiasmo arraste os jovens camponeses com os guerrilheiros

com o que armá-los? Numerosos companheiros têm tirado dessas experiências a conclusão de que numa emboscada contra a coluna de reforços um outro golpe assestado ao inimigo nas vizinhanças teria suscitado mais entusiasmo nessas aldeias, atraindo novos recrutas; dado uma lição política e moral mais profunda aos seus habitantes e sobretudo obtido armas, que é o essencial para uma guerrilha que começa. A destruição de um caminhão de transporte de tropas ou a execução pública de um policial torturador fazem mais propaganda efetiva entre a população vizinha, propaganda alta e profundamente política, que duzentos cursos. Tal conduta convence do essencial: que a Revolução é uma realidade já em marcha, que o inimigo não é invulnerável. Convence, em primeiro lugar, de que o soldado é um inimigo, seu inimigo, que há uma guerra em curso, e que esta depende de sua ação cotidiana. Depois, o discurso é possível. Poderá ser escutado.

No curso de tais golpes de mão os combatentes recuperam armas, diminuem a potência militar inimiga, desmoralizam as tropas inimigas, treinam, revivem a esperança dos militantes em todo o país. Sua força de propaganda e agitação reside nessa mesma concentração de afoitos. Detalhe significativo em dois anos de guerra: Fidel não fez um só comício na sua área de operações.

As formas de organização militar impostas pela propaganda ou agitação parecem ter conduzido a uma certa inação ou à vacilação. Paradoxalmente, nenhum movimento guerrilheiro que tenha adotado semelhante concepção de luta pode aumentar sua zona de influência de maneira decisiva.

Com efeito, para levar a agitação armada numa zona extensa, o foco inicial deve dividir suas magras forças em várias patrulhas, de efetivos reduzidos — três a dez homens, a fim de percorrer o maior número de aldeias. Mantém tática certa, cobre-se uma zona mais extensa, se evita esgotar os recursos locais em víveres e provisões de todas classes sem ser péso para os camponeses; pode-se multiplicar a presença e os efeitos do foco na imaginação dos trabalhadores com uma simples alusão às outras escoltas que patrulham a região; sobretudo, o foco se faz inapreciável e dificilmente localizável pelo inimigo, que não pode cercar assim toda a guerrilha.

Mas o que se ganha em mobilidade se perde em eficácia no plano militar, pois o poder de fogo de cada patrulha é insignificante. Ainda que o comando adote mecanismos teóricos de "concentração-dispersão", esse sistema fica no papel durante os primeiros meses de uma guerrilha sem treinamento, sem controle nem conhecimento do terreno, a mercê dos azares terríveis da vida da selva, das distâncias e das dificuldades de comunicação.

Assim, dispersas em patrulhas demasiado pequenas num território demasiado amplo (5.000 Km²), como mínimo, a relação de força é desfavorável e tenderá a sê-lo cada vez mais; a guerrilha é fraca em tôdas as partes e o inimigo é forte em tôdas as partes, por disperso que esteja. Esta distribuição em patrulhas impede a formação de colunas com esquadrões especializados em seu seio, esquadrões de vanguarda, esquadrões de retaguarda, com peças de armamento pesado servidos por grupos treinados, acamparem por esquadrões para apressar a carga logística.

Para seguir a metáfora chinesa, o foco, em lugar de fechar-se como um punho para lançar um golpe e arrancar um dedo ao inimigo, abre e estende seus cinco dedos e é o inimigo, o que tem a força do punho frente a cada um dos dedos. Nisto, não basta a convicção puramente intelectual. Alguns movimentos guerrilheiros conheciam e liam com regularidade obras teóricas ricas em metáforas parecidas a despeito do qual seguiam até pouco tempo, dividindo suas forças ao extremo. Se por um lado, o foco garante sua sobrevivência garante também a do inimigo, e seria ingênuo acreditar que a relação de forças deve mudar necessariamente a seu favor. Como tem demonstrado a experiência de luta na Venezuela, e em certa medida a da Guatemala, os conflitos políticos crescem no próprio seio da guerrilha, trazendo consigo a onda de divisões, discórdias e atritos pessoais por causa de uma inação prolongada, intolerável. Surgem ou se acentuam os conflitos com as forças políticas externas — partido ou organizações — que, no lugar de ser convencidas e arrastadas pela prática e impulso da guerrilha, vê confirmada sua suspeita com respeito a esta forma de luta popular, dando vazão à sua reprovação até então silenciosa, e começam a discutir abertamente tal

forma de luta. Essas divisões, por efeito natural de reboque, enfraquecem ainda mais o foco, sempre sem vitórias militares de importância, sem crescimento por conseguinte. O inimigo, por sua parte, durante esse tempo tira proveito das divergências surgidas no seio do movimento, corrompendo, seduzindo ou comprando aos mais fracos e liquidando fisicamente a outros. Isto quer dizer que a propaganda armada ou o trabalho de agitação deva ser rechaçado? Não.

“ A julgar por algumas experiências logradas, uma guerrilha deixa no curso do seu avanço algo — ou alguém pelo menos — atrás de si e atrás das linhas, quando não linhas, a fim de organizar o que chegará a ser uma base de apoio sólida, mas então a população estará protegida na sua segurança física por forças regulares capazes de rechaçar o inimigo; a base começa a organizar-se assim num embrião de Estado popular.”

O trabalho de agitação e propaganda para explicar a nova organização à população e fazer passar às mãos de organizações de massas a administração de sua zona, se faz fundamental e condiciona os combates futuros. A propaganda testemunha então a natureza libertadora do combate e a faz penetrar no espírito dos habitantes. Além disso favorece a organização da produção, a arrecadação de impostos, a explicação das leis revolucionárias, a manutenção da disciplina, a criação de escolas de quadros e outros; a escavação de trincheiras e subterrâneos pela população civil para proteção dos bombardeios, etc. Trata-se neste caso, de uma etapa posterior à qual ainda não alcançaram os movimentos guerrilheiros latino-americanos até o presente.

Em outras palavras: a propaganda armada segue-se à ação militar; não a precede. A propaganda armada tem que ver mais com a frente interna da guerrilha, mais do que com sua frente externa. No demais, e no essencial, entanto, não se mudam as condições presentes, a propaganda é uma ação militar lograda. Considerar a propaganda armada como uma etapa em si, distinta e prévia, às operações militares é aparentemente, provocar inutilmente o inimigo, expor ao assassinato ou à fuga os camaradas propagandistas e denunciar uma zona de ação guerrilheira futura ou possível.

Dadas as condições sociais, ideológicas e psicológicas do campesinato na maior parte dos países latino-americanos, dados os diversos aparelhos de informação de que dispõe o inimigo reforçado até o extremo depois da Revolução Cubana, o grupo de agitadores armado ou não, será necessariamente vigiado, detectado e liquidado ao nascer. O que é pior: os contatos estabelecidos com as células organizadas, as pessoas que tenham "trabalhado" no campo, as aldeias e os centros urbanos próximos sofrem quase a mesma sorte. Se o inimigo é bastante astuto para esperar, deixará fazer até o começo as operações ou ainda depois, para poder infiltrar seus serviços de inteligência.

Um "camponês" será situado na infra-estrutura da organização de base. Desde o início das operações, toda a guerrilha já estará localizada e será liquidada logo a seguir. Que origem atribuir a esta concepção que reduz o guerrilheiro a um simples agitador armado? A falta de experiência anterior de luta armada, das condições históricas e sociais próprias da América Latina, tem permitido sem dúvida copiar inconseqüentemente, a experiência vietnamita, desligando-a do seu próprio meio. O desconhecimento da Revolução Cubana desempenhou também seu papel; revolução da qual se toma o invólucro externo, mas cujo conteúdo não foi estudado ainda suficientemente. A formação de um exército popular no campo, a fim de cercar e galvanizar as cidades, trouxe consigo, talvez, o erro de ligar-se ao nome do foco. Uma espécie de interpretação biológica ligou espontaneamente a idéia do foco às de contágio, propagação espontânea, irradiação microbiana nos tecidos sociais vizinhos por simples efeito mágico de contato ou vizinhança. Uma centena de homens inflama a montanha de discurso, o regime aterrorizado se desfaz sob os gritos, e as aclamações populares recebem os barbudos. Confundi-se assim o foco militar motor de uma guerra total — o foco de agitação política — esqueceu-se simplesmente que os cubanos do "26 de julho" fizeram primeiro uma guerra sem uma só trégua unilateral? que em apenas alguns meses de 1958 o Exército Rebelde sustentou mais combates que outras frentes americanas em um ou dois anos; que em dois meses os Rebeldes destruíram a última ofensiva de Batista, rechaçando e pondo fora de combate 10.000 homens com 300 guer-

rilheiros inicialmente em seguida a uma contra-ofensiva geral; uma guerra que custou cara em vidas de combatentes mortos em combate; uma guerra em que, ainda sendo excepcionalmente curta, nem por isso requereu menor tesouro de invenções táticas de mobilidade e audácia, aliado a uma grande solidez estratégica. Esqueceu-se até que "Patria o Muerte" não é simplesmente uma fórmula para terminar os discursos, mas uma regra de ação ao nível técnico, que os combatentes cubanos tomaram ao pé da letra em cada uma das suas ações, desde o ataque ao pequeno forte de la Plata até a tomada de Santa Clara. Estrategicamente, jogou-se ou tudo ou nada: mereceram ter, ao final, tudo. Claro que esta decisão estratégica — arriscar tudo — não deve levar a guerrilha a travar no terreno tático batalhas decisivas que possam custar a derrota da Revolução. A idéia de um Ayacucho não cabe na revolução de hoje, e não há que esperar ganhar tudo numa batalha só. Por exemplo, quando a batalha de Guesa, em novembro de 1958, Fidel opôs 200 guerrilheiros (dos quais 100 eram novatos) a 5.000 soldados da ditadura, mais seus tanques, aviação e artilharia, os rebeldes tinham sempre a possibilidade de deslocar-se dos pampas para a serra, pelo hábil aproveitamento do terreno: a batalha era mais decisiva para o inimigo que para a Revolução, já que esta tem várias colunas em outras partes invadindo a ilha. Jogar o tudo pelo tudo quer dizer: uma vez levantados na montanha, os combatentes desencadeiam uma guerra de morte, que já não admite tréguas, retrocessos ou conchavos. Vencer é aceitar, desde o princípio que a vida não é o bem supremo do revolucionário.

A BASE GUERRILHEIRA

Talvez se corram os mesmos perigos de imitação a propósito da base guerrilheira. Não nos cabe discutir detalhadamente concepção tal, que depende antes de tudo das condições concretas de cada país e das decisões propriamente militares que cabem aos responsáveis da guerrilha e somente a eles. Ainda que somente uma grande experiência militar possa responder à questão da base guerrilheira ou sua correspondente,

a margem de segurança conformamo-nos apenas em levantar a questão.

Se referimo-nos a episódios recentes, como o do Peru, não é impossível que a experiência chinesa das bases de apoio, tal como foi sistematizada por Mao-Tse-Tung em 1938, em "Problemas Estratégicos da Guerra de Guerrilhas Anti-japonesa" possa ser estendida à América Latina, impondo-se sobre a imagem que se formou da guerrilha cubana. Ultimamente, publicações difundidas em ambiente universitário, com Monthly Review, tem dedicado a apresentar a experiência peruana de Luís de la Puente e do MIR como o modêlo mesmo de uma pretensa "estratégia cubana" de luta armada, o que permite a essa revista prognosticar o fracasso definitivo dela. Em número recente dessa publicação norte-americana "progressista" — da qual não se sabe se é mais funesta ou ridícula, pois a ingenuidade, de tão perseverante, se aproxima à grande arte de desinformação — se lê, pela pena de Huberman e Swaezi que a estratégia de Fidel Castro "requeria o estabelecimento de uma zona de segurança controlada pela guerrilha nas montanhas, que se converteria no foco de atração e desenvolvimento revolucionários, levando, eventualmente, como em Cuba, a uma guerra em grande escala contra as forças armadas peruanas". E acrescenta: "A principal contribuição de De la Puente foi que, tendo o Peru território muito maior devia fazer não uma ou duas, mas meia dúzia de zonas guerrilheiras". Resulta daí que esta pretendida "estratégia cubana" faria do estabelecimento de uma fase fixa o ponto de partida e o objetivo primeiro da guerrilha.

Que um intelectual, sobretudo se burguês, fale antes de tudo em estratégia, é normal. A desgraça contudo, exige que o bom caminho, o único praticável, parta de dados táticos para elevar-se até definir-se uma estratégia. O abuso da estratégia e a falta de tática é um vício delicioso, próprio dos contemplativos, ao qual também nos entregamos ao escrever essas linhas. Razão mais do que suficiente para termos sempre presente em nossas mentes a invensão de que somos vítimas ao ler obras teóricas.

Estas nos apresentam em forma de princípios e de quadros fixos, concepções chamadas estratégicas que de fato, assina-

lam, em determinadas condições, o final de uma série de provas de ordem tática. Tomamos assim, como ponto de partida o resultado. Para um destacamento revolucionário, uma estratégia militar resulta primeiro da conjuntura política e social de suas relações com a população, das imposições do terreno; das forças adversárias de seu armamento, etc. Somente do domínio sério dos detalhes aos planos gerais. Finalmente, e mais ainda em se tratando de uma força guerrilheira que de uma força regular, não há detalhes na ação, ou se quisermos, tudo é assunto de detalhe.

Esta lenta ascensão da tática à estratégia, esta compreendendo aquela e à qual recorre sempre, acompanhado da experiência em todos os escalões intermediários, é um pouco a história da Revolução Cubana, e é também a regra do método para a aprendizagem prática. A estratégia torna-se deslocada ante a atenção minuciosa e quase maníaca dedicada por Fidel até o último dia da guerra aos mínimos preparativos materiais da menor ação, como está expresso em sua correspondência de guerra: a acomodação de cada combatente numa futura emboscada, o ensaio e a confecção de minas, o registro de víveres, etc. Excelente lição de eficiência e precisão. Antes de falar de uma "estratégia cubana", a simples honestidade impõe o dever de informar-se de uma ou outra maneira, com os membros do Exército Rebelde, sobre o que foi realmente a guerrilha cubana. Quando um intelectual, "presbia" (pessoa que só enxerga bem de longe) de profissão, descuida-se ainda de informar-se de fontes originais, como é o caso de nosso folhetinista, de vanguarda, dá à sua ignorância a função social precisa, a de confundir, em benefício da opressão existente, ao público que está obrigado a ilustrar. [A primeira vista, a base guerrilheira ou base de apoio fixo, à qual a experiência chinesa presta um valor estratégico fundamental, requer um conjunto de condições favoráveis: a extensão e a profundidade de um território, que tem por corolário uma falta de meios de comunicação no interior do país (condições vivamente sublinhadas por Mao no texto citado de 1938).]

— uma população rural muito densa (Peru, 9 habitantes por Km²);

— presença de fronteiras comuns com um país amigo (em um país estreito como o Vietnã a base de apoio mais importante, a do Viet-Bao, marco decisivo a partir de 1950, limitava com a fronteira chinesa);

— a ausência de tropas inimigas aerotransportadas, que constituem as tropas de choque anti-guerrilheiras em quase todos os países latino-americanos, segundo as técnicas modernas de repressão, cerco terrestre pela infantaria e desembarque simultâneo de tropas aerotransportadas no centro da zona atacada, pequenas patrulhas móveis de casa em contato radial com a retaguarda para localizar e comunicar em seguida a posição dos combatentes populares, etc.;

— a insuficiência numérica das forças inimigas — condição evidentemente preenchida na China ao momento da guerra anti-japonesa e que não o é em absoluto na América de hoje. Não esqueçamos que o exército vermelho chinês estava constituído como exército regular desde 1927, depois que uma divisão inteira do exército do Kuomintang — com seus oficiais comunistas — passou para as fileiras comunistas. Na China, as forças populares dispunham — já antes da invasão japonesa — de unidades regulares constituídas. Após a invasão estrangeira, foram o VIII e o IV Exército de Rota que estabeleceram as bases anti-japonesas, passando de 40.000 homens em 1937 a um milhão em 1945. Era, pois, possível aos camaradas chineses sustentar a guerra de posição para defender as bases fixas mais importantes. Quase nenhuma dessas condições, como se vê, existem hoje na América Latina.

Quais são, a esse respeito, os ensinamentos da experiência cubana e das lutas atuais?

Sabemos hoje, apenas lendo os jornais, que o momento crucial para a guerrilha é o de sua entrada em ação. Como as crianças dos países pobres, suas possibilidades de morrer são muito elevadas no curso dos primeiros meses e decrescem a cada mês que passa. Fazer uma guerra curta, matar o foco ao nascer, sem dar-lhe tempo de adaptar-se ao terreno, de ligar-se profundamente à população local e adquirir um mínimo de experiência, é, portanto, a regra áurea da contra-insurreição. Apostamos que, em seus sonhos, um assessor militar lanque vê cair do céu suas tropas aerotransportadas

em meio a um acampamento guerrilheiro tão logo seja localizado. O sonho, felizmente, é irrealizável, pelo menos dessa forma. Em todo caso, entre a repressão experimentada e a guerrilha principiante há sempre uma corrida contra o relógio: a guerrilha para ganhar tempo e o exército para não perder um minuto; a primeira para aprender e o segundo para não dar tempo para aprender. É necessário localizar o foco imediatamente; todos os meios são válidos, desde a infiltração silenciosa à mobilização ruidosa da infantaria e aviação para agitar e remover uma zona suspeita e obrigar assim os guerrilheiros — pela confusão — a mover-se e a sair em campo aberto.

Em tais condições, querer ocupar uma base fixa ou apoiar-se em uma zona de segurança, ainda que alguns milhares de quilômetros quadrados de extensão, é, aparentemente, privar-se da melhor arma, a mobilidade, deixar-se encerrar numa zona de operações e permitir ao inimigo o emprêgo de suas melhores armas.

O resgate da zona de segurança, erguida como um feitiço, é o acampamento fixo, instalado em lugares reputados inacessíveis. Confiar tão somente na segurança do terreno é perigoso: em última análise não há lugares inacessíveis, pela simples razão de que se alguém chegou a êle o inimigo também pode fazê-lo. A regra de conduta observada pelo Exército Rebelde desde o comêço era a de atuar como se o inimigo soubesse sempre onde se encontrava a guerrilha e fôsse a seu encontro desde o acantonamento mais próximo. A luta contra a infiltração e a delação tendeu, pois, em Cuba, a adotar a forma de mobilidade a todo custo. Tôda pessoa que saísse de um acampamento era suspeita de poder denunciá-lo, de própria vontade ou à força; por essa razão não podia haver senão acampamentos provisórios e incessantemente mudados em sua primeira etapa.

Em fins do ano de 1957, operavam duas colunas na Sierra Maestra: a de Fidel com 120 homens e a coluna confiada por Fidel a "Che", chamada coluna n.º 4, a fim de desconcertar o inimigo, com 40 homens. No mês de outubro, com esta coluna, que já contava com 60 homens, "Che" tentou constituir as bases de um território livre no vale de Hombrito. Instalou

ai um acampamento fixo, construiu um forno de pão, hospital, sapataria, etc.; instalou um mimeógrafo e tirou os primeiros números do periódico "EL CUBANO LIBRE" e iniciou, segundo suas próprias palavras, o planejamento de uma pequena central hidroelétrica sobre o rio do vale. Ao cabo de poucas semanas, as tropas de Sanchez Mosquera atacaram essa base que não pôde ser salva, apesar de ter sido preparada a sua defesa. Os Rebeldes não tinham a força para defendê-la. "Che" foi ferido no pé, tendo que retirar-se para o interior. Esta tentativa de criar uma base não teve repercussões graves pela presença da coluna de Fidel nas proximidades, na qual a de "Che" podia apoiar-se. Tendo sido um foco isolado, tal tentativa poderia ter-se saído muito mal. Sem dúvida, a defesa disputada de Hombrito forçou o exército a retirar-se posteriormente e converteu a destruição da base em mais uma vitória. A idéia de uma base era justa, mas imatura. Foi apenas ao cabo de 17 meses de combates contínuos, em abril de 1958, que os Rebeldes fixaram uma base guerrilheira no centro da Sierra Maestra.

Durante todo esse tempo, a base guerrilheira não foi senão a zona de operações, e a ofensiva constante, fora das linhas, foi o que logrou "liberar" uma pequena parcela de Sierra Maestra. As colunas desciam cada vez mais até a planície, ampliando sem cessar suas incursões, impedindo pouco a pouco a entrada de tropas repressivas no maciço montanhoso. Os habitantes da Sierra não tinham, então que temer serem colhidos pelas tenazes das tropas de Batista e os guerrilheiros. Parece, pois, que a base de Sierra Maestra constituiu-se de fora para dentro, da periferia para o centro.

O pequeno território básico então aberto é o território em que se encontram o hospital de campanha, as pequenas indústrias artesanais, as oficinas de guerra, o rádio, a escola de recrutas, o posto de comando. Essa pequena base permitiu aos rebeldes a resistência em posições entrincheiradas na ofensiva geral de verão de 1958. Apoiados nessa estreita faixa de montanha, puderam fazer frente a uma série de ataques convergentes do inimigo, que em um momento dado, reduziu a menos de 4 Km a profundidade do território rebelde, em alguns pontos críticos. Mas ainda nessa situação de cerco, o Exér-

cito Rebelde foi capaz de abandonar essa base, burlar o cerco e, chegado o momento voltar ao nomadismo inicial em outra zona.

Em Cuba, a ocupação de uma base guerrilheira, por decisiva que tenha sido, não foi o objetivo político-militar número um dos rebeldes. O objetivo número um era, aparentemente a destruição das forças inimigas, e primeiro a recuperação de armamentos. As experiências atuais da Guatemala, Colômbia e Venezuela parecem confirmar, nesse ponto a validade da experiência cubana. A ocupação de uma base fixa não é ali a condição "sine qua non" do desencadeamento das primeiras operações ofensivas da guerrilha, mais ainda? Essa ocupação não é possível senão através de uma primeira etapa nômade de fixação lenta, numa zona de operações particularmente favorável.

Durante esse tempo a base guerrilheira é segundo uma expressão de Fidel, "o território dentro do qual se move o guerrilheiro, mas que se move com ele". Na etapa inicial a base guerrilheira de apoio está na mochila do combatente.

PARTIDO E GUERRILHA

Freqüentemente, em muitos países da América a guerrilha tem recebido o nome de "braço armado" de uma Frente de Libertação, para indicar sua dependência a uma frente patriótica ou de um partido. Esta expressão, cópia de fórmulas elaboradas em outras partes — particularmente na Ásia — se opõe, no fundo, à máxima de Camilo: "O Exército rebelde é o povo fardado". Na falta de conhecimentos concretos da situação concreta, diferente e desconhecida em sua própria diferença, é perigoso importar esquemas de organização, ainda que eles se apoiem em uma teoria reconhecida. Fisicamente perigoso, pois de apenas um erro político derivam numerosos erros militares, e apenas um erro militar a destruição de um foco que começa. Sem dúvida, o fato da luta armada não ter sucumbido na América Latina a tantos passos em falso, aos tateios e começos errôneos, revela a tolerância da história perante o movimento. Entretanto, a sanção de uma

têoria falsa é o fracasso militar, e a sanção do fracasso militar, o assassinato de dezenas e centenas de companheiros e homens do povo. Segundo a frase de Fidel, "certas formas de política estão relacionadas à criminologia".

Situar a guerrilha sob a dependência estratégica e tática de um partido que não transforma radicalmente sua organização normal de tempo de paz, ou situar a guerrilha como uma ramificação da ação do Partido, traz como consequência uma série de erros militares mortais. Passemos-los em revista rapidamente: são hoje conhecidos de todos.]

1) A DESCIDA PARA AS CIDADES

O braço, por armado que esteja, deve consultar a cabeça antes de fazer um movimento. A cabeça — ou direção — encontra-se na capital. Não é aí que se concentra a vida política do país, os dirigentes de outros partidos, a imprensa, o Parlamento, os Ministérios, as oficinas dos jornais, em resumo, os órgãos do poder central? Não é aí que se concentram o proletariado industrial, as fábricas, os sindicatos, a Universidade, enfim, as forças vivas da população? As normas do centralismo democrático impõem ao comando da frente guerrilheira — geralmente membro do Comitê Central — ir participar das discussões da Direção; se não é um membro do órgão dirigente, mais uma razão: é necessário comunicar-lhe as decisões. Pode-se argumentar que a Direção pode enviar um emissário à montanha, e que isso se faz frequentemente. Mas, para discutir suas orientações quando não concordam com a realidade da guerra, para expor os problemas concretos — materiais e políticos — que se colocam a seus homens, para pedir ajuda ou simplesmente para fazer sentir que existe uma Direção que tende rapidamente a esquecê-los, que ignora tudo da guerra e seus problemas, imersa na "vida política" dos dias favoráveis, o comandante guerrilheiro, cedo ou tarde, deve descer à cidade. Sobretudo quando as divisões políticas se evidenciam, estouram os órgãos e se formam outros sem que ele seja consultado, é preciso "descer" até onde se manipula "a política". Quando ocorre que "a Cabeça" está vazia ou é incompetente e surda, — para fazê-la compreender

os detalhes desse mundo mais distante que a lua que é a vida guerrilheira, é necessário tempo; é preciso, pois, aumentar a instância "de baixo" ou descer até elas. Risco fatal, cedo ou tarde, o responsável militar cairá; assassinado no ato, torturado e "suicidado", excepcionalmente preso se a opinião pública pode intervir a tempo. Uma vez poderá escapar a tempo; na próxima será agarrado. (O azar, ou "estranhos azares" se misturam nesta questão: um acidente de automóvel, por exemplo).

Não esqueçamos que o inimigo de classe procede a um assassinato coletivo em grande escala na América Latina: matar os chefes, deixar viver os outros. Dupla vantagem: isolamos dos chefes enquanto vivem e corrompe-se os combatentes que não querem morrer; a classe dominante sabe muito bem aqueles que devem morrer — os políticos-militares — e aqueles que podem deixar no cárcere ou na rua — muito políticos — os que é interessante libertar da prisão ou deixar em liberdade. Com a maioria de responsáveis militares, dos homens da montanha, não há compromisso possível: nada têm a esperar deles senão a guerra; é necessário suprimi-los. Capturá-los ou liquidá-los na montanha? Se têm experiência, é praticamente impossível. O único recurso para os agentes policiais e os assessôres norte-americanos é fazê-los descer às cidades, ao seu terreno. Doentes, que decidem a curar-se; traídos e isolados que vão impor a ordem entre os políticos encurrulados. ("A cidade — diz Fidel — é um cemitério de revolucionários e recursos"). Sem contar o efeito moral desastroso que provoca nos combatentes a descida de seu chefe, nas condições de vida em que se encontram, quando o primeiro papel do chefe é dar exemplo de perseverança e sacrifício. Melhor seqüestrar um médico ou a metade de um hospital que descer à cidade para tratar-se, dizia em conclusão um comandante guerrilheiro. O chefe não pode descer para assistir nenhuma reunião política: deve fazer os políticos subirem para decidirem e discutirem em lugar seguro, na serra; ou se envia um emissário. O que supõe, primeiro, que se reconheça sua qualidade de chefe responsável e lhe dêem condições de exercer esse papel, e que ele mesmo as assumam. Isso significa, em primeiro lugar, a adoção de uma estratégia franca e clara:

qual é a forma fundamental da luta de classes num dado momento? E seu terreno fundamental? E seu objetivo principal?

2) **A FALTA DE PODER POLÍTICO ACARRETA A DEPENDÊNCIA** logística e militar da montanha com relação à cidade. Pois bem, tal dependência acarreta freqüentemente o *abandono* da guerrilha por parte da Direção da cidade.

A subordinação da guerrilha à direção política urbana desenvolve nos guerrilheiros não apenas uma situação real, mas também um complexo mental de inferioridade e dependência. Esperam tudo de fora: seus quadros políticos, as orientações, o dinheiro, as armas, até o planos das operações. O princípio moral e político de não contar senão com suas próprias forças perde-se, e a guerrilha torna-se cada vez mais, presa à ilusão da ajuda iminente de fora. É preciso esperar-se que a ajuda prometida chegue, e no dia previsto não chega ou chega em doses homeopáticas e é proposta para o dia seguinte... Vai-se tirando à espera do "dia seguinte", para ver se chegam os pares de botas, os nylons, as munições, a gasolina, os medicamentos, as lanternas elétricas, pedidos três meses antes. Assim, é colocado um cabresto à "sua" luta armada, ainda que apenas pela indolência.

E é normal: as capitais, sobretudo as cidades do Caribe, essas grandes sucursais ianques, são purgatórios onde é possível viver ao lado das aglomerações urbanas da Ásia e ainda da Europa. Como um habitante de tais cidades, ainda que marxista-leninista, poderá adivinhar a importância de um metro quadrado de nylon, de uma lata de graxa de fuzil, uma libra de açúcar e de um par de botas? Como se diz, "é preciso ter vivido para saber". Vistos de fora, são "detalhes", "caprichos materiais" da luta de classes, "o lado técnico", menor, portanto, secundário das coisas: reflexos mentais de burgueses, e todo homem, ainda que seja um companheiro, que passa a vida na cidade, é um burguês sem sabê-lo, em comparação com o guerrilheiro: *não pode conhecer* o trabalho material que isso exige: comer, dormir, deslocar-se, em resumo: sobreviver. Não ter meios de subsistência salvo os que produz êle mesmo, com suas mãos, a partir da natureza bruta. O homem da cidade vive como consumidor. Basta uma cédula

no bolso para ter com que passar o dia; logo as cédulas acabam, mas com a afluência de ianques e seu cortêjo de corrupções, é possível ganhar outras sem maiores dificuldades.

A selva das cidades não é tão selvagem: os homens se estrangulam para serem reconhecidos como animais superiores, já não se luta mais para sobreviver. A vida é de todos, desigualmente dada mas dada de todas as formas. Está no comerciante na forma de produtos acabados: a carne cortada, o pão assado, a água no filtro, o sono sem turnos para ronda, sob o teto coberto, a luz nas ruas sem cobras e com postes de iluminação, o medicamento, na farmácia e no hospital. Diz-se, muito bem, que nos banhamos socialmente: os banhos prolongados relaxam. Nada melhor do que sair deles para dar-se conta de até que ponto essas incubadoras frouxas infantilizam e aburguesam.

Os primeiros tempos na montanha, no recesso da chamada mata virgem, a vida é simplesmente o combate cotidiano, em seus mínimos detalhes e, antes de tudo, um combate do guerrilheiro consigo mesmo para superar seus antigos hábitos, a marca deixada pela incubadora em seu corpo, a sua debilidade. O inimigo a vencer, nos primeiros meses, é êle mesmo, e nem sempre sai vitorioso desse combate: muitos abandonam o campo, desertam ou voltam voluntariamente à cidade para assumir outras tarefas. O terrível isolamento em que numerosos focos são forçados a viver, durante meses, às vezes anos, não se explica tanto pela sabotagem, o desinterêsse ou traição de seu aparato superficial, mas por uma diferença ineditável de condições de vida, de comportamento e pensamento, entre outras razões. O melhor dos camaradas na capital ou no exterior, ainda que destacado para missões importantes, dedicado ao seu trabalho, cai ante o golpe dessa diferença, que vale por uma "traição objetiva". Muitos deles sabem disso. Quando uma guerrilha fala com seus responsáveis urbanos ou no exterior, trata com "sua" burguesia. Mesmo que se tenha necessidade de uma burguesia — como de um pulmão artificial para momentos de asfixia — não se pode perder de vista essa diferença de interêsses e de meios: os dois não respiram o mesmo ar. Fidel Castro teve essa experiência e não vacilou, ainda que sob o risco de sucumbir nos momentos cruciais em

condenar e repudiar "sua" Burguesia, inclinada a fazer alianças sem princípios. Principalmente quando condena o Pacto de Miami em sua admirável carta de 14 de dezembro de 1957, em que, face a uma política burguesa, se define já uma moral proletária encarnada no Exército Rebelde, moral que mais tarde se rebelaria ser *também* uma política proletária.

DEPENDÊNCIA LOGÍSTICA: Algumas frentes guerrilheiras sobrevivem recebendo em um ano, duzentos dólares do organismo político de que dependiam. O mesmo órgão político gastava durante o mesmo período milhares de dólares em tarefas de propaganda no exterior e no interior, em manter dentro e fora do país, em criar órgãos de imprensa, reunir congressos de anistia, etc., para tirar proveito que lhe dava a existência dessas mesmas frentes, desprovidas de meios de luta e solitários. Dessa experiência e outras semelhantes tirou-se a seguinte conclusão: é menos arriscado e mais seguro para uma guerrilha fazer incursões a partir de suas bases, motorizadas, na medida das possibilidades (seqüestrando e abandonando um caminhão) a populações vizinhas para obter equipamento de campanha (mochilas, cobertores, botas, vestimentas, etc.) criar seus próprios depósitos, enterrá-los ou escondê-los e assegurar assim sua liberdade de ação por alguns meses.¹² Por arriscados que sejam tais golpes de mão, são preferíveis à espera passiva: esperar a boa vontade ou da possibilidade de aprovisionamento pelos organismos urbanos, os azares do transporte, as dificuldades causadas pelos "cêrcos operativos" ou outra mobilização das forças inimigas. Além disso reduzem ao mínimo as possibilidades de infiltração ou localização da guerrilha, feitos a partir da cidade rumo às montanhas, de fora para dentro, e não no sentido contrário.

DEPENDÊNCIA MILITAR: Não se podem planificar operações militares com meses de antecedência, para determinado dia, de acordo com o calendário político nacional estabelecido pela classe dominante: eleições presidenciais ou parlamentares, sessões do congresso, assembleias diversas, viagens oficiais. Isso significa que os planos da campanha devem ser elaborados pelos mesmos elementos que têm de realizá-los ou em colaboração mútua com uma direção política que tenha

um conhecimento profundo, tático e detalhado das questões militares. Mas, uma direção política sem esses conhecimentos pode elaborar planos militares tendo em vista apenas as suas conveniências, de apoio à sua política de manobras e pressões sobre o regime burguês, transmitindo ao seu aparelho militar, ordens de "pô-lo em prática", como o cliente dá ordens ao "maitre d'hotel", que a transmite aos cozinheiros. Por ridícula que seja a comparação, o divórcio entre teoria e a prática, entre vanguarda política e vanguarda militar pode chegar e tem chegado a tais absurdos.

3) A FALTA DE COMANDO ÚNICO

Não é possível combinar e coordenar os meios disponíveis em função de uma direção principal de ação. A falta de unidade de comando põe as forças revolucionárias na situação de um servente de peça de artilharia sem direção de fogo, na situação de uma linha de ataque sem a direção principal do ataque: os atacantes se perdem no terreno, atiram ao acaso e morrem por nada. O número e o poder dos meios de fogo não servem para nada sem um plano de fogo, tendo assinalado um setor principal para ser batido por fogo cruzado ou concentrado. A falta de uma direção, executiva, centralizada, ou, em outras palavras, político-militar é que levam a tais desperdícios, a essa matança inútil. O Partido ou a Frente não são aleijados: ao braço armado corresponde um braço legal, pacífico. Como combinar os dois? Pior ainda, como combinar as duas alas do aparato armado, a guerrilha rural e a resistência clandestina nas cidades? Apenas uma direção notavelmente coerente e vigorosa, armada de um plano estratégico racional a longo prazo, resultante de uma análise política correta pode combinar os dois aspectos da ação direta; pelo menos é necessário que exista e que pelo menos se salve a pele. Permanecendo na cidade, a direção política será inevitavelmente destruída ou desmatelada pela repressão. Os dirigentes sabem disso, ou pelo menos imaginam. Mas a força da tradição a adesão zoológica a determinadas formas de organização consagradas e solidificadas pelo tempo impede o rompimento com uma estrutura estabelecida e a passagem a

uma nova forma de luta exigida pela situação de guerra. Tais resistências são normais: O partido bolchevique e Lênin tropeçaram nelas até outubro de 17.

Atualmente, há países onde numerosos dirigentes políticos podem dar-se conta, em um determinado momento, de abandonar a cidade, ir para a montanha e escapar à crescente repressão. Mas, na verdade, cada dia é diferente para a partida. Diariamente, há "no ar" um golpe de Estado, ou uma reunião atrasada, uma esperança de ver a crise resolvida num abrir e fechar de olhos. Sempre há um pretexto, até o dia em que seja demasiado tarde: aí a polícia os prende e os mata. Logo, a direção tradicional cai, levantando-se rapidamente uma direção clandestina, provisória, sem as qualidades da primeira, eleita regularmente no congresso, que se na prisão ou dizimada; desvinculada da base e de órgãos regulares. Essa direção improvisada despacha os assuntos corriqueiros, absorvendo a rotina da clandestinidade. Satisfeito em conseguir manter de pé algo como um partido, vacila em tomar decisões importantes, deixa a guerrilha onde está, como está, esperando dias melhores, dando o auxílio de sempre e com os sacrifícios de sempre.

Em todos os casos, deve-se buscar unir as vantagens de todas as formas de luta sem o inconveniente de nenhuma: recusa-se a escolher uma forma de luta como fundamental e outra como subordinada. Deixa-se os dois braços, cada um de seu lado, cada um por sua conta, sem ação coordenada, sem subordinação de tarefas. Essa direção política abstrata, reformista ou divergente, transforma o movimento revolucionário num pulso desarticulado. Em uma situação de guerra, desvios em cima, na cabeça, pode engendrar desvios em sentido contrário junto às fileiras do aparelho armado: as nostalgias legalistas de direção política vem responder, em seu aparelho armado, o terrorismo descontrolado na cidade e o banditismo no campo.

Ações descontroladas na cidade: Na ausência de um comando único não há estratégia clara de luta armada. Na ausência de uma estratégia clara, nenhum plano de ação vinhará. A guerrilha é isolada das cidades, cada um age por sua conta; as forças urbanas ou o que faz suas vezes não estão

claramente subordinadas à Serra: para isso é preciso que a guerrilha seja reconhecida como a ala diretora e motriz do movimento. Daí que ações independentes e anárquicas na cidade podem comprometer não apenas os planos da guerrilha, mas também o próprio sentido da luta.

"É fundamental determinar (escrevia Che Guevara em 1960) que nunca pode surgir por si só uma guerrilha suburbana. A guerrilha suburbana estará diretamente sob as ordens de chefes situados em outras zonas. Portanto, a função dessa guerrilha não será levar a cabo ações independentes, mas sim de acordo com planos estratégicos pré-concebidos."¹⁸

É claro que o terrorismo na cidade não pode desempenhar nenhum papel decisivo e que traz consigo alguns perigos de ordem política. Mas, se está subordinada à luta fundamental, a do campo, tem, do ponto de vista militar, um valor estratégico: imobiliza milhares de soldados inimigos, paralisa a maior parte do aparato repressivo em tarefas estéreis de proteção. Fábricas, pontes, centrais elétricas, edifícios públicos, auto-estradas, oleodutos, podem ocupar até três quartos do exército. O governo tem que proteger todos os interesses daqueles que possuem esses bens em todas as partes, e os guerrilheiros não têm que cuidar de nada em lugar nenhum. Não têm peso morto. Por isso, a relação de forças não se mede em termos de igualdade aritmética. Em Cuba, por exemplo, dos 50.000 homens com que contava Batista, nunca pôde empregar mais do que 10.000 de uma vez contra a guerrilha. E o exército rebelde, no dizer de seu chefe, chegou a ser invencível quando alcançou a proporção de 1 contra 500.

É que, desde o primeiro dia, Fidel impôs uma estratégia clara, ou mais ainda, clarividente, pois as forças do "26 de julho" eram muito maiores e melhor organizadas nas cidades (Santiago e Havana) que na Serra, nessa época da luta. A tônica principal no Exército Rebelde caía sobre a consolidação da guerrilha rural; a ela correspondia a direção do Movimento; ela era a cabeça de todo o país. Após o desembarque, Fidel delegou a Faustino Perez a reorganização do Movimento em Havana, dando-lhe plenos poderes para derrubar uma direção que, como se sabe, reunia 20 homens (janeiro de 1957). Todas as armas deviam ser enviadas à Sierra Maestra, e não

ficou nenhum fuzil para a resistência urbana, diretriz que poderia parecer escandalosa, tendo em vista o desenvolvimento dessa resistência e suas necessidades reais de armas; diretriz que gerou mais de um conflito com a ala urbana do Movimento, mais de um ressentimento, mas que permitiu, num tempo mínimo, a construção da "força móvel estratégica", o Exército rebelde, na primeira frente de Sierra Maestra. Será ela que liquidará definitivamente o regime: é este um dos "leit-motivs" das cartas de Fidel a Frank Pais, chefe do movimento em Santiago.

Após a morte de Frank Pais, Fidel insiste ainda. A 11 de agosto de 1957, escreve a Aly (Celia Sánchez); "Uma palavra-de-ordem deve ser agora a mais correta: *todos os fuzis, todas as balas e todos os recursos para a Serra*", e volta a lançar a mesma palavra-de-ordem a 14 de agosto.

Entre as duas alas do Movimento Libertador, as contradições se acentuam inevitavelmente. As duas alas têm um desenvolvimento desigual em todos os lugares, tanto em efetivos como em qualidade. [Dai os perigos de descompasso. Como vimos a montanha proletariza os burgueses e camponeses e a cidade pode aburguesar até os proletários] Os conflitos táticos, que não deixaram de surgir, às diferenças de avaliação ou de linha encobrem um conflito de classe, onde os interesses do proletariado, paradoxalmente, não estão do lado da cidade. Se tais conflitos puderam ser resolvidos rapidamente em Cuba, se a marcha ao socialismo pôde ser tão rápida após a tomada do poder, é porque, desde o primeiro dia, foi reclamada, defendida e conquistada por Fidel a favor da guerrilha rural. Uma das poucas ações que a planície propôs e impôs foi a greve geral de abril de 58, que terminou numa catástrofe repercutindo gravemente sobre todo o Movimento.

O Comando do Exército Rebelde permitiu e colaborou ao máximo da boa fé e dos preparativos da greve, tanto Fidel, na Primeira frente, quanto Raul na Segunda, participaram; aos "de baixo" cabia decidir sobre seus problemas. A Serra não poderia estar melhor informada da situação das cidades do que as pessoas da cidade: por essa razão de bom senso, Fidel não se opôs à greve. Tornou-se, assim, vítima do "subjetivismo" da ala civil do Movimento. O fracasso da greve

geral colocou em evidência uma crise latente em vez de permitir superá-la. No plano da organização, reestruturou-se a direção, acabando com todas as objeções impostas à Serra; o Comando do Exército Rebelde tomou em suas mãos a responsabilidade nacional do movimento. No plano das concepções de luta, foi definitivamente varrida a concepção "civilista": para a planície a guerrilha era algo simbólico, destinado a criar as condições de um golpe de Estado na Capital. Para a Serra, a guerrilha podia e devia dar uma solução militar ao problema político que não podia ser resolvido por nenhum outro meio. Por isso Fidel pôde escrever antes da greve:

"Se Batista conseguir esvaziar a greve, nada estará resolvido, pois nós seguiremos lutando, e dentro de seis meses, sua situação será pior" (Carta a Nasin, 23-3-1958). A classe dominante tinha todos os meios para reprimir e esvaziar uma greve geral, enquanto que tais meios não serviam em absoluto para vencer numa guerra de guerrilhas. Coube, assim, à Serra salvar a Revolução, posta em perigo pela planície. Com o fracasso da greve, ao comprovar aos olhos de todos que apenas a Serra podia salvar a Revolução, era lógico que ela assumisse a responsabilidade de sua direção. Em um discurso ulterior ao triunfo, Fidel voltou-se contra as oposições fundamentais de estratégia e de classe que encobriam o mau encaminhamento e as discussões que se seguiram."

Toda experiência americana contemporânea confirma e fortalece esta lei do antagonismo entre as forças da serra e da planície.

DISPERSÃO DO SEIO DA GUERRILHA RURAL — A ausência de comando único e direção centralizada favorece a criação prematura de vários focos. Dada a relação desigual de forças existentes no começo entre a reação e o campo popular, esta divisão, contudo, enfraquece mais a guerrilha que o exército repressivo. Este se ressentia menos em ter que dispersar suas forças do que a guerrilha em ter de dispersar as suas. Tanto mais que o exército não as atacará simultaneamente, uma por uma, obtendo assim em cada setor uma superioridade mais absoluta que se se estivesse em um só foco. Aqui o exemplo peruano fala por si mesmo. A grande exten-

são do território não parece ser um argumento suficiente para retardar a consolidação prévia de uma força móvel mínima, dotada de um poder de fogo mínimo que lhe assegure uma capacidade de ataque apreciável em um setor dado. Em outra parte (Venezuela), os focos guerrilheiros se multiplicaram desde 1962, multiplicação artificial que não correspondia a um crescimento real do movimento guerrilheiro nem de sua capacidade ofensiva. Este crescimento forçado — causa e efeito da ausência de um comando único enfraqueceu de fato a guerrilha. Esta é, talvez, uma das razões do atraso que sofreu a guerrilha venezuelana para constituir-se em Vanguarda político-militar e alcançar por fim um comando único (1966). Em todo caso, o que mostra bem que a guerrilha não foi nesse país, um movimento coordenado, obediente a um plano de ação amadurecido de antemão, é essa proliferação espontânea e desordenada de focos, com um pessoal não treinado, cuja maioria foi liquidada nos primeiros meses. Entre os outros focos que sobreviveram a essa primeira onda de ofensiva (Falcón, Lara, Trujillo, Oriente) nenhum se desenvolveu suficientemente rápido e bem para poder catalizar em torno de si a luta de classes. Assim, nenhum pôde, até uma data recente, contrabalançar seriamente os centros de poder dispersos que representavam os partidos políticos existentes. A ausência de uma direção única da luta armada, realmente executiva e prestigiosa provoca assim a dispersão das frentes e ela por sua vez retarda o aparecimento de uma direção única.

Este atraso pode ser voluntário, ou seja, que se criaram novas frentes guerrilheiras para impedir a constituição desta direção única. Mas nesse caso, mais que de frentes guerrilheiras ativas, trata-se de investimentos a cobrar depois da vitória. Não estão destinados a fazer a guerra, senão a manter uma massa de reserva política, e fazer a propaganda de seus promotores. Ter uma guerrilha traz prestígio. Permite falar em voz alta e impôr-se no cenário do poder. A simples rivalidade entre organizações concorrentes ou uma frustração pequeno-burguesa face a uma vanguarda constituída, podem levar assim a uma dispersão inoperante da guerrilha rural.

Nas condições que lhe são próprias, Cuba oferece o exemplo de um desenvolvimento harmônico da guerrilha a partir de um núcleo central único cujo crescimento se efetua naturalmente. Esse núcleo cresce até o dia em que seus efetivos, em demasia para os recursos locais em víveres e provisões de toda espécie, deve rebentar. Da célula mãe, a Sierra Maestra, destacam-se então outras portadoras de germens por divisão natural: crescimento, primeiro, da coluna mestra até 120 ou 150 homens: ultrapassada esta cifra, não somente esgotaria os recursos do lugar, senão que sobretudo resultaria demasiado grande para o tipo de terreno em que opera em condições de guerra irregular, terreno onde não é possível empregar grandes unidades. Esta coluna vai gerando sucessivamente várias colunas, que podem ser inicialmente de 40, 50 ou 60 homens (dentro da mesma frente de Sierra Maestra, a primeira foi confiada a Che Guevara em julho de 57). Essas colunas chegam a constituir novas frentes que por sua vez mais tarde, seguindo o mesmo princípio, geram suas colunas ou unidades táticas. Se uma dessas colunas se destina a zonas distantes onde não é possível a coordenação tática com a coluna mestra e suas colunas, a nova coluna chega a constituir outra frente, que por sua vez gera suas colunas. Raul parte de Sierra Maestra para o norte de Oriente com uns 60 homens e organiza uma nova frente, que chegou a contar com numerosas colunas. Almeida, em março de 57 parte ao longo de Sierra Maestra, com 40 homens, para a zona de Santiago, de onde depois se formaria o que se chamou a Terceira Frente. "Che", em agosto de 58, parte de Sierra Maestra para Las Villas com 120 homens, desenvolvendo ali a guerra do máximo, apoiado pela Coluna de Camilo Cienfuegos — que saiu com 90 homens de Sierra, cujo destino era organizar uma frente no Oeste do país, em Pinar de Rio. Mas, no começo de dezembro, dado o vertiginoso desenvolvimento da guerra e seu presumível desenlace rápido, recebe a ordem de apoiar com todos os seus efetivos as operações de "Che" em Las Villas, a fim de cortar em duas partes o território e liquidar as principais unidades de Batista concentradas na região Leste.

A vantagem desse processo, de pouco para muitos, aparentemente tão natural, que, enganosamente, aparenta des-

lizar como sêda, é que se anuncia, *de uma vez*, a existência de um comando central indiscutível e da grande liberdade tática dos oficiais das colunas. Quanto mais forte é o comando central e mais clara e firme a estratégia fixada inicialmente pelo comando, tanto maiores podem ser a liberdade de ação e a flexibilidade tática das diferentes frentes e colunas. A concentração de recursos e homens em um só foco permite a elaboração de uma doutrina militar única no calor do combate, na qual se formam todos os homens. A esta altura, "doutrina militar" designa um conjunto de pequenas táticas que provaram sua eficácia. Atacar as tropas em movimento e não o amontoamento ou o estacionamento; atacar os reforços inimigos de maneira escalonada, ou seja, preparar antecipadamente emboscadas ao longo de seu caminho; conservar as reservas para bater depois da emboscada, a tropa inimiga em retirada, já desmoralizada e envolvida no transporte de feridos e mortos; proibir ao grosso dos combatentes de terem balas antes que o fogo seja aberto; cortar e destruir a vanguarda das colunas por uma dupla emboscada de contenção para cortá-la ao meio e de aniquilamento para destruí-lo, uma vez cortada; utilizar ao máximo as minas elétricas de distância, a captura de armamentos mais que a destruição física do inimigo; conservar a iniciativa pela escolha das surpresas e a escalada de provocações, ou seja habituar o inimigo, em dado momento, a um tipo de ações para surpreendê-lo bruscamente por meio de uma ação diferente no mesmo ponto; devolver os prisioneiros em suas casas; cuidar atenciosamente o inimigo ferido... Assim se formam, pouco a pouco, oficiais em certa escola moral, política e militar, oficiais nos quais, o Comando pode, um dia, entregar com a máxima confiança a direção estratégica de uma zona ou frente, sem que o Comando exerça tutela de suas ações. Foram todos formados pela mesma escola, que lhes inculcou um espírito comum, regras táticas e um plano de ação escalonado, político e militar.

Várias vezes, em momentos que uma pequena diversificação poderia ter sido de grande ajuda, Fidel se opunha sistematicamente à criação precoce de outras frentes, como ocorreu em maio de 1957, com lamentáveis conseqüências próximo a Central Miranda.

Era necessário demonstrar que vivíamos, pois nos haviam dado alguns golpes na planície; as armas destinadas a abrir outra frente em Central Miranda caíram em poder da polícia, que tinha prendido muitos dirigentes valiosos, entre eles Faustino Perez. Fidel se opunha à separação de forças, mas cedeu ante a insistência da planície. A partir desse momento ficou demonstrada a justeza de sua tese e nos dedicamos a fortalecer Sierra Maestra como o primeiro passo rumo à constituição do Exército Guerrilheiro.¹⁵

DIREÇÃO ARTIFICIAL DE UMA FRENTE POLÍTICA IMPROVISADA: A falta de unidade no comando desencadeia inúmeros mecanismos de incompreensão. Frequentemente se recorre à promoção de uma frente nacional, à qual se confiará oficialmente a direção do braço armado.¹⁶ Serão invertidas forças consideráveis na constituição de uma frente-fantasma, composta essencialmente pelo partido que a formou; como um partido não faz uma frente, fabrica, dos pés à cabeça, organizações criadas às custas do próprio partido; procuram-se as famosas "personalidades independentes" progressistas, cujo nome pode calar-se para adornar seu mistério. Tantas energias e esforços de que se priva ao desenvolvimento da luta armada para provê-los, ainda antes que tal luta tenha-se consolidado e estendido, de um envoltório pomposo. Ato reflexo clássico: não fazer alianças reais sobre objetivos determinados, em torno da força constituída, mas apresentar uma face e decorá-la antes de mobiliar a casa. Elaboram-se programas esplêndidos, abundantemente distribuídos no estrangeiro, ignorados no interior, e se acredita estar em paz com a história porque se colocou o futuro em programa, sem se ocupar sequer de obter os meios efetivos de realizá-lo ainda que apenas seja em sua primeira fase. O programa, a Frente, as Alianças, todas essas belas máquinas artificiais, absorvem a atenção e a eximem, assim de pôr em pé o instrumento de sua realização: o Exército Popular, o único que pode dar a uma frente política sua seriedade histórica e sua eficácia. Nenhuma frente artificial pode ocupar um vazio de direção política e mili-

tar. Querer disfarçar um buraco com outro não suprime o primeiro mas alarga o segundo.

Uma vez mais, apesar de tôdas as experiências adquiridas até hoje, são criadas instituições antes dos fatos. Movimentos revolucionários incipientes ou grupos reduzidos somando algumas dezenas de homens, elaboram, antes de entrarem em ação, organogramas mais complexos e mais difíceis que os de um ministério, cheios de Comandos, Direções e Comissões, como se a seriedade de um movimento revolucionário fôsse medido pelo número de suas subdivisões. As formas de organização precedem ao conteúdo a ser organizado. Por que? Porque não se libertou ainda da velha obsessão, e se crê, apesar de tudo, que a consciência e a organização revolucionária devem e podem, sempre, preceder a ação revolucionária. Pensemos bem: êste idealismo ingênuo é que inspira no fundo os que se entregam ao ópio eleitoral, para os quais o socialismo virá quando a metade dos eleitores mais um votarem por êle. Chega-se ao paradoxo de aplicar inconscientemente à luta armada os mesmos princípios que regem as atividades pacífissimas dos reformistas. Por que se admirar então, que os malefícios dêstes recaiam sôbre certas lutas guerrilheiras.

É preciso ir do menor ao maior. Querer andar em sentido inverso de nada serve. O menor é o foco guerrilheiro, núcleo do exército popular, e não é uma frente que cria êsse núcleo, mas o núcleo ao desenvolver-se que permitirá criar uma frente nacional revolucionária. Uma frente se faz em tôrno de algo existente, não sômente em tôrno de um programa de libertação. É o "motorzinho" que coloca em marcha o "grande motor", as mássas, e precipita a formação de uma frente na ascensão das vitórias obtidas pelo motorzinho. A prática fidelista ensina que a guerrilha apresenta o seguinte paradoxo: quanto mais débil o núcleo revolucionário, mais se deve desconfiar das alianças; quanto mais forte, maior a liberdade para fazer essas alianças pois o Exército Popular pode manter a hegemonia e os princípios — os motivos de combate — estão protegidos. Tal concepção seria sectária se tratasse apenas de preservar a consciência e a pureza imóvel do núcleo armado, mas que não o é quando se trata de um núcleo dinâmico, con-

cebido como motor e diretor de uma guerra ofensiva, sem trégua. Esse pequeno grupo, se quiser salvar-se não pode permanecer imóvel, fechado sôbre si mesmo. "PATRIA O MUERTE": morre — fisicamente — ou vence salvando a Pátria, salvando-se. Num sentido, o Exército Rebelde lutou durante tôda guerra, especialmente no comêço, contra a unidade a *todo custo*, sem princípios, para reagrupar, por meio da guerra, os militantes de outros grupos e de todo povo fazendo-os participar nessa mesma guerra contra a ditadura. A carta das organizações no exílio, denunciando o pacto de unidade de Miami, é mais uma vez, o exemplo incisivo disso. A referida carta termina com estas palavras: "Que para cair com dignidade não falta companhia".

Essa estranha dialética repercute sôbre as relações da guerrilha contra o Exército. Sendo fracos inicialmente, Fidel desalentou ao máximo as tentativas de golpe de estado e contactos com militares. Mesmo um golpe de estado em favor do "26" teria sido desfavorável ao Exército Rebelde: uma Junta "libertadora" poderia ter confiscado e interrompido o processo revolucionário, não existindo um contrapêso. Depois, quando Sierra Maestra já contava com forças suficientes e se transformava pouco a pouco em vanguarda reconhecida por todo o povo, Fidel não perdeu tempo em contato com militares para fomentar golpes de estado, mas para acelerar a decomposição do regime e avivar as contradições no seio do regime, principalmente entre a baixa oficialidade e o alto comando de Havana. Ainda que houvesse um golpe de estado, já não poderia ser desviada a luta popular, dividindo as forças inimigas, não as guerrilheiras, que teriam prosseguido no combate aos militares com maior ímpeto. Em outubro de 57 escreve a um companheiro de organização: "O revolucionário não é o golpe de estado, mas a incorporação dos militares à luta armada". (Carta a Camacho, 29-10-58). Esta incorporação, podendo parecer uma traição aos militares leais à sua instituição, limitava-se a chamá-los a parlamentar, a depôr as armas ou neutralizar certas unidades, sem nunca impor condições humilhantes. Aceitar o diálogo já é começar a tropeçar; e à medida que recebiam mais e mais golpes, os oficiais inimigos respondiam cada vez mais às mensagens do Comando

SBD / FFLCH / USP

Rebelde, apesar da terrível fama de assassinos de soldados que a propaganda de Batista fizera sobre os Rebeldes.

A guerra psicológica não terá efeito se não estiver inserida na própria guerra. Se fôr aliviada por momento a pressão militar, a pressão política sobre o adversário ressentir-se da falta de ponto de apoio e cai no vazio. Em função da morte diária de soldados, em função da ameaça que pairava sobre suas vidas, os oficiais de Batista, cabeça do Exército profissional, aceitavam o diálogo; por isso já não riam, como fizeram ao princípio, de pretensão tão ingênua. A infiltração e a pressão são válidas quando se combate e golpeia de uma só vez. Para que um exército responda aos chamados patrióticos ou revolucionários das forças armadas, é preciso que estes sejam respeitados; e um militar não respeita senão aos que teme. Também se pode falar de paz, mas fazendo a guerra. Somente assim, a palavra de ordem de paz se volta contra a opressão, não contra a insurreição. E durante todo esse processo, Fidel esgrimita a palavra de ordem de paz, o desejo de pôr fim à guerra civil, mas mostrando que Batista e seu regime eram o único obstáculo à paz; e o desejo de paz tornou um alento para a guerra revolucionária.

Depois, nenhuma frente política deliberativa pôde assumir a direção efetiva de uma guerra popular; somente um grupo executivo, tecnicamente capaz, centralizado, unido sobre a base do interesse comum de classe. Em resumo, um Estado Maior revolucionário. Uma frente nacional heterogênea por natureza é o lugar de desavenças políticas, de discussões, de deliberações sem fim e de compromissos momentâneos. Não pode unir-se e viver senão face ao inimigo, frente ao perigo iminente, e ainda os meios de fazer face a eles baseiam-se na ação separada das forças que a compõem, dotadas cada uma de unidade própria. Essas tropas recobrarão sua liberdade após a vitória, ressurgindo então seus antagonismos. Ainda nesse caso, uma Frente pode assegurar a diplomacia da guerra, mas não sua direção operacional. Os presidentes ou órgãos dirigentes da Frente vivem enquanto vivem os compromissos de classe. Os "árbitros" podem ajudar os chefes a conquistarem o poder; são os chefes que os conservam. A menos que o "árbitro" revele a tempo suas qualidades de chefe, sob o céu

azul dos Acórdos acima das classes, ponha os pés na terra e nas vulgares sociedades de classe, encabeçando uma delas. Evidentemente tais métodos de trabalho tem uma razão política. De outra forma, de onde viriam? De uma falta de moral? Os militantes têm moral, por sinal admirável. Nos países em que tais métodos causaram danos, foram os camaradas, os militantes comunistas que levaram o peso principal da guerra. Vejamos a lista de mortos: quase todos são membros dos partidos, bem como os que foram presos. Ah! A abnegação não é um argumento político e o mártir não tem força de prova. Quando o martirólogo se alarga, quando qualquer atitude de integridade se converte em martírio, é que "algo tanto mal". E é um dever moral investigar a causa disso, tanto quanto o é saudar os camaradas mortos ou encarcerados.

Em sua raiz, sem dúvida, estão velhas concepções, hoje ultrapassadas, desacreditadas, roídas pelos fracassos, mas que apesar disso, sobrevivem. A velha teoria da aliança das quatro classes, que inclui a burguesia nacional; a perspectiva de uma "democracia nacional", ou seja, a manutenção do modo de produção capitalista, sanada, livre de toda ingerência imperialista, sob o controle das massas que exigirão, mais tarde, a passagem ao socialismo; o desprezo ou a subestimação do campesinato, a quem tal perspectiva não pode atrair. No fundo, muitas dessas organizações políticas padecem ainda de uma análise concreta dos modos de produção vigentes na América Latina, das combinações existentes entre os diversos modos de produção, das formas de dominação de um modo de produção sobre outros, análises que podem apenas indicar as relações de classe existentes. Tais defeitos, tais lacunas são conhecidas; não basta, evidentemente, denunciá-los para diminuí-los; o que interessa aqui é seu efeito prático.

A frase "luta armada" é esgrimida, repetida no papel e nos Programas, o emprêgo da frase não pode ocultar que falta, ainda, em muitos lugares a *decisão* da luta armada e a definição *positiva* de uma estratégia correspondente. O que se entende por estratégia? A distinção do essencial e do acessório, de onde resulta uma hierarquia clara de tarefas e de funções. Um pragmatismo "festivo" permitirá que todas as formas de luta sejam levadas juntas. Que se ajetem entre si

para entender-se. Num extremo pode aparecer a definição *negativa* de estratégia em forma de negação. A idéia de que, em dadas condições é preciso subordinar as formas pacíficas de luta de massas à luta armada, têm se oposto, às vezes, a idéia de que semelhante subordinação equivaleria a fazer depender a linha política do partido de vanguarda da estratégia militar, de seu aparato armado, e subordinar a direção do partido à direção militar. Na verdade, não é nada disso. Uma vez mais se esqueceu, apesar das aquiescências verbais, que a guerra de guerrilhas é a essência política e que, não se pode, pois, opor o político ao militar.

A despeito das palavras, o "tecnicismo" e o "militarismo" estão mais perto daqueles que chamam militarismo e tecnicismo à vontade de englobar tôdas as formas de luta no contexto da guerra de guerrilhas ao lado dos que se opõem linha política e estratégia militar, direção política e direção militar. Estes vivem em um mundo dúplice, realmente dualista — e porque não dizê-lo? — com uma herança espiritualista muito próxima: O político de um lado, o militar de outro. A guerra do povo é uma técnica, localizada no campo e subordinada à linha política, entendida como super-técnica, "puramente" teórica, "puramente" política. O céu comanda a terra, a alma o corpo, a cabeça o braço. O verbo precede a ação. Os substitutos laicos do verbo — a palavra, o palavreado — precedem e ordenam a atividade militar, desde o cume do empireu.

Em primeiro lugar, na América Latina de hoje, não se concebe como uma direção política possa ser estranha aos problemas técnicos da guerra; e como se possa conceber um quadro político que não seja ao mesmo tempo um quadro militar. É a própria situação, atual e futura que assim exige. "Os quadros" da luta armada serão aqueles que tomarem parte nela, e que no terreno se mostrem capazes de corrigi-la. Pois bem, quantos dirigentes políticos preferem seguir, dia após dia a vida do sindicalismo mundial ou absorver-se na sucessão das mil e uma "organizações internacionais democráticas" dedicadas a manterem-se vivas, mais do que a informarem-se seriamente das questões militares vinculadas à guerra do seu povo. Ademais, a técnica militar reveste-se de uma importância especial na América Latina. Diferentemente da China e da

Ásia em geral, a grande desproporção de forças existentes inicialmente entre os efetivos revolucionários e todo o aparato repressivo, a pobreza demográfica do campo e lugares onde se desenvolve a guerra, não permitem substituir por algum tempo a técnica e o armamento pela massa e pelo número de combatentes. Ao contrário, para compensar esta desproporção inicial e de maneira geral a pobreza demográfica relativa a muitos países, é preciso dominar a técnica com habilidade. Daí o papel, mais importante que em outras partes, das minas, dos explosivos, das bazucas, das armas automáticas modernas etc. Numa emboscada, por exemplo, o emprêgo inteligente de armas automáticas modernas; sua cadência de fogo; sua combinação organizada de antemão, segundo um plano de fogo rigoroso, onde o menor detalhe e cada segundo são contados, permitem compensar a carência ou a escassez de efetivos do lado revolucionário. Em um número limitado e definido de segundos, três homens podem liquidar um caminhão de transporte com 30 soldados, onde se necessitar, com os velhos fuzis mecânicos em número equivalente de guerrilheiros. Pela mesma razão, o objetivo número um da guerrilha é apoderar-se das armas do inimigo e não tratar de liquidá-lo fisicamente, ainda que para tomar as armas seja primeiro necessário liquidá-lo. Em resumo: não há "detalhes para um chefe político-militar, tudo descansa nos detalhes — em apenas um detalhe — e deve vigiar pessoalmente a todos.

Depois, está provado que a experiência da guerrilha popular é mais decisiva que uma experiência política sem contato com a guerrilha para a formação dos quadros revolucionários. Os dirigentes de envergadura na América Latina são hoje homens jovens, sem grande experiência política anterior à sua entrada na guerrilha. É ridículo continuar opondo "quadros políticos" e "quadros militares", "direção política" e "direção militar"; "políticos" puros — que querem continuar a sê-lo — não servem para dirigir a luta armada do povo; os "militares" puros servem, e dirigindo uma guerrilha, vivendo-a, convertem-se em "políticos" também. A experiência de Cuba, e mais recentemente da Venezuela, Guatemala e outros países, mostra que na guerra de guerrilhas os combatentes se formam politicamente mais depressa e com maior profundi-

dade do que passando igual tempo numa escola de quadros, ainda que se trate de um pequeno-burguês ou um camponês. Efeito, no plano dos homens, do caráter essencial e totalmente político da guerra de guerrilhas. Dupla vantagem sobre a formação "tradicional", ainda que seja no seio de um partido, da luta sindical ou de uma escola de quadros nacional ou internacional: nesse "cursum honorum" político é patente que não se formará militarmente (salvo em detalhes) e não é seguro que a formação política recebida seja a melhor. Exemplo: Cuba. O Exército Rebelde e a clandestinidade deram à Revolução seus quadros dirigentes e o núcleo de militantes. Todavia hoje os Rebeldes estão na vanguarda dessa vanguarda, defendendo no seio da Revolução a linha mais radical, mais comunista. Não é este um estranho destino para "militares" tais como o concebem "os políticos"?

Sem dúvida, em alguns países, os "políticos" parecem esquecer estas experiências e a de seu próprio país. Mantêm essa distinção absurda nas condições latino-americanas, entre "políticos" de um lado e militares de outro. Muitas condutas, ainda hoje, refletem tal divórcio:

— Tal direção de partido subtrai à guerrilha um bom número de quadros e combatentes para enviá-los a uma escola de quadros políticos fora do país.

— Tal direção inibe ou "controla" o desenvolvimento político de seus quadros militares, pondo-lhes ao lado "comissários políticos" e chegados da cidade.

Instaura-se assim, se não um duplo aparato de direção, ou pelo menos duas espécies de "quadros" no próprio seio da guerrilha, o que não pode senão atrapalhar o surgimento natural de líderes populares, de dirigentes político-militares completos. Esta atitude contrasta com a de Fidel, em Cuba, durante a guerra; "Aos que derem provas de capacidade militar, dê-lhes também responsabilidade política. O risco vale a pena: Raul, Che Guevara, Camilo Cienfuegos, dezenas de oficiais hoje responsáveis políticos de uma revolução proletária e camponesa.

Mas não ocultemos uma evidência.

Os partidos ou as organizações cujas direções procederam assim, controlando do exterior o seu germe de Exército, man-

tendo essa dualidade de organização ou retirando seus militantes da guerrilha para enviá-los a formarem-se politicamente em outra parte, apóiam-se em princípios de organização consagrados, aparentemente essenciais à teoria marxista: distinção da instância militar e a instância política. Apóiam-se, além disso, em toda uma experiência internacional: nos marcos da guerra popular prolongada, a da China e do Vietnã. Pode ser que apliquem mal tais princípios, mas os princípios não têm culpa. Não estaríamos então a ponto de confundir um princípio político com uma forma de organização determinada ou estado contingente a certos partidos? Não estaríamos a ponto de repudiar em meias palavras um princípio sacrossanto, o da distinção e o predomínio do partido sobre o exército popular na fase precedente à conquista do poder, com o pretexto falaz de que o princípio é mal aplicado? Ou o princípio não é uno, válido para todas as latitudes?

Tomemos o problema pela raiz.

A LIÇÃO ESSENCIAL DO PRESENTE

I — O que se deve fortalecer hoje: partido ou guerrilha, germe do exército popular? Qual o elo decisivo? Onde colocar o esforço principal?

Tais são, hoje, as questões que dividem as opiniões e os militantes de vanguarda dos países da América Latina em que operam guerrilhas.

Amanhã ela se colocará aos militantes de outros países. De imediato, a questão está colocada como um dilema.

Esta questão encontrou uma resposta clássica dentro da história do marxismo e mesmo na história "sêca". Resposta tão bem estabelecida, que o simples fato de colocar a questão desta forma parece, a muitos, *uma heresia*. "O Partido tem que ser fortalecido inicialmente, pois é ele o criador e o núcleo dirigente do Exército Popular. Apenas o Partido da classe operária é capaz de criar um exército verdadeiramente popular — garantia de uma linha cientificamente elaborada — e conquistar o poder em benefício dos trabalhadores."

Ortodoxia Teórica — Não se trata de destruir o exército, mas de tomar o poder do estado, a fim de transformar a estru-

tura social. O poder do Estado burguês tem seu nível próprio como superestrutura (política, jurídica, institucional, etc.) e não se confunde com seu aparato repressivo. Tratando-se de destruir o poder político existente e fazer dele o instrumento da ditadura das classes exploradas, compete aos seus representantes, em particular à sua vanguarda, a classe operária, levar esse combate político, incluindo a forma armada, que é a guerra civil revolucionária. Pois bem, uma classe se faz representar por um partido, e não por um instrumento militar. O proletário tem por Partido aquele que expressa a ideologia de sua classe: o marxismo-leninismo. Apenas a direção desse partido pode defender cientificamente seus interesses de classe. Se queremos intervir no conjunto da formação social, é necessário termos o conhecimento científico da sociedade em sua complexidade totalizante (político, ideológico, econômico, etc.) e de seu desenvolvimento. Somente com essa condição é que se abrem perspectivas de uma luta global, em todos os níveis, e a luta militar não é senão um dos níveis, e só faz sentido quando enquadrada dentro de uma luta geral das forças populares contra a sociedade burguesa.

Somente o partido operário, tendo por base uma interpretação científica da formação social e de uma conjuntura dada, pode decidir as palavras-de-ordem, os objetivos e as alianças necessárias a cada momento. Em resumo: determinar o conteúdo político e o fim perseguido, de cuja execução o Exército Popular não é senão um instrumento. *Tomar tal Exército pelo Partido é confundir os meios com os fins, o instrumento com o objetivo, confusão própria da tecnocracia. Daí o nome dado a tal desvio de "tecnicismo" ou "militarismo".

Ortodoxia Histórica: Tais princípios foram aplicados em lutas vitoriosas de nossa época, sob a forma de existência separada da vanguarda política e de instrumento militar, com domínio absoluto da primeira sobre a segunda. O Exército Vermelho bolchevique estava sob o controle do Comitê Militar do Partido em 1917, sendo também este submetido ao Comitê Central, e cujas diretrizes seguia fielmente. Poder-se-á argumentar que o exemplo não é comprovativo, pois trata-se aqui de uma insurreição urbana e operária, e não de uma guerra popular. Tomemos então o exemplo de países socialistas que

enfrentaram uma longa guerra popular a partir do campo. Na China e no Vietnã é que encontramos os exemplos mais característicos desses casos. Sabe-se como na China o princípio "a política dirige o fuzil" (Mao Tse-Tung) se tornou realidade, através da direção vigilante do Partido sobre o Exército. No Vietnã, escreve Giap:

"O primeiro princípio fundamental na organização de nosso Exército é a necessidade de colocá-lo sob a direção do Partido e fortalecer incessantemente a direção do Partido. O Partido é o fundador, o organizador e educador do exército. Apenas sua direção pode permitir ao exército manter-se com consciência de classe, orientá-lo politicamente e cumprir suas tarefas revolucionárias. *Exército do Povo, Guerra do Povo.* Expressão prática desse mesmo princípio: no próprio seio do Exército de Libertação do Vietnã funciona o sistema de comissários políticos e Comitê de Partido. Tais são os dirigentes efetivos das unidades militares, e não apenas auxiliares políticos. Do ponto de vista executivo, os chefes de unidade são responsáveis perante a comissão partidária que envia as diretrizes, de acordo com os princípios de direção coletiva e responsabilidade individual, em todos os escalões, até a célula-base. "A companhia não será forte se a base não for forte", diz Giap. Na China o Comitê de Partido se encontrava ao mesmo nível de um Regimento. De sete a nove membros compõem o Comitê, entre eles o comandante de Regimento, com a mesma hierarquia do Comissário Político. É esse Comitê de Partido que orienta as unidades subalternas; batalhões e companhias não têm Comitê de Partido, mas apenas instrutores políticos. Estes distribuem entre os diversos pelotões os militantes da companhia, aplicando-se tal regra de cima para baixo. O Estado-Maior não se divide em cinco ou seis serviços como no exército capitalista, mas em apenas dois essenciais, o logístico de um lado e o político-militar, de outro. Como se percebe, o papel político é equivalente ao dos serviços operacionais. Para sermos breves, contentamo-nos com um símbolo. Tal distinção de instância militar tem nomes: Mao-Tse-Tung e Chuh Teh no curso da guerra civil revolucionária e da grande marcha; Ho Chi Minh e Giap na guerra contra os franceses. Talvez pudéssemos acrescentar Lênin e

Trotsky durante as guerras de intervenção imperialista na União Soviética.

Em Cuba, apenas um homem reuniu a direção militar (operacional) e política: Fidel Castro.

Será isso um fato ao acaso ou será o indício de uma situação histórica diferente? Será apenas uma excessão ou o prenúncio de algo mais profundo? Que diz, a respeito, a atual experiência da América Latina?

É preciso que ao menos seja esclarecido o problema, sem condenarmos pressurosamente a história real em função dos princípios.

“Acusam-me — disse recentemente Fidel Castro — de hereje. Dizem que sou hereje dentro do terreno do marxismo-leninismo. Bem, a coisa tem a sua graça, já que organizações ditas “marxistas”, que comportam-se como cão e gato e disputam a verdade revolucionária, dizem que nós queremos aplicar mecânicamente a fórmula cubana. Acusam-nos de desconhecermos o papel do Partido, acusam-nos de sermos herejes dentro do marxismo-leninismo.”

Na verdade, quem deseja aplicar fórmulas mecânicas à realidade latino-americana é o “marxista” a que se refere Fidel, pois ao ser efetuado um assalto convém gritar “pega ladrão” antes de todos. Mas, o que disse Fidel Castro para ser tratado de hereje, “subjetivo”, “pequeno-burguês”? Qual a mensagem explosiva, devesse transmitir para as capitais da América e dos países socialistas da Europa e da Ásia, todos que pensam em desenvolver uma guerra revolucionária por telepatia. Os “sem critérios” façam córo contra a Revolução Cubana?

“Quem fará a Revolução na América Latina? Quem?”

O povo, os revolucionários, com Partido ou sem Partido.”
(Fidel).

Fidel diz apenas que não há revolução sem vanguarda, e que essa vanguarda não é, necessariamente, o Partido marxista-leninista e que, os que realmente desejam fazer a revo-

lução têm o direito e o dever de constituírem-se em vanguarda, independente de tais partidos.

É necessário ter coragem para reconhecer, de alto e bom som, os fatos tais como eles são, quando tais fatos desmentem uma tradição. Não há, pois, equivalência metafísica entre vanguarda-partido marxista-leninista; há conjugações dialéticas entre uma função dada — a da vanguarda na história — e uma forma de organização dada — a do Partido marxista-leninista — conjugação que resulta de uma história anterior da qual depende. Os partidos estão na terra, e submetidos à dura dialética terrena. Se nascem, podem morrer e renascer sob novas formas. Como se opera o renascimento? Como pode reaparecer a vanguarda histórica? Vamos por partes.

A primeira questão é: Por que, pode-se dizer, que nas atuais condições, pode haver Revolução “com ou sem Partido”? É preciso levantar esta questão, não para reavivar rancores inúteis e estereis (que beneficiam antes de tudo a contra-revolução, onde quer que seja), mas por condicionar a resposta da segunda questão.

Segunda questão: Sob que formas pode reaparecer a vanguarda histórica?

O que é depende do que foi, e o que será depende do que é. A primeira questão, a dos partidos tais como são, é uma questão de história. Para responder a tal questão, é preciso voltarmos ao passado.

Um partido está marcado pelas condições em que surgiu, pelo seu desenvolvimento e pela classe ou aliança de classes que representa, conforme o meio social em que desenvolveu. Tomemos sempre os mesmos exemplos para detectar que condições históricas permitem a aplicação do esquema tradicional das relações. Partido-Exército guerrilheiro: China e Vietnam.

Primeiro: O Partido chinês e o Partido vietnamita estiveram ligados desde a sua origem, ao problema da instalação do poder revolucionário, não por laços de ordem teórica, mas *prática:* viveram sempre sob a dolorosa experiência. O Partido Chinês nasce em 1921 em plena ascensão da revolução democrático-burguesa de Sun Yan-Sen, processo do qual participa, como filiado do Kuomintang. Recebe, desde o início, a ajuda da Missão Soviética, compreendendo conselheiros mili-

tares, dirigidos por Joffe e depois Borodin. O último organizou o treinamento de oficiais comunistas chineses na Academia Militar de Wamphos, que permite, rapidamente, ao Partido Chinês, como disse Mao em 1938, "sentir a importância dos assuntos militares". Três anos após sua formação, vive a desastrosa experiência da primeira guerra civil revolucionária (1924-1927), da insurreição urbana e a greve de Cantão, na qual toma parte como força dirigente. Experiência assimilada e transformada, sob a égide de Mao Tse-Tung, dando origem à adoção de uma linha oposta. É oposta mesmo à orientação da III Internacional — a retirar-se aos campos e romper com o Kuomintang.

O Partido Vietnamita nasce em 1930, organiza itinerantemente insurreições camponesas, suprimidas de imediato, e, dois anos mais tarde se define sua linha, sob a égide de Ho-Chi-Minh, no seu primeiro programa de ação. "A única via de libertação é a luta armada das massas". "Nosso Partido surgiu (escreve Giap) em pleno auge do movimento revolucionário vietnamita. Desde o começo dirigiu os camponeses, obrigando-os a levantarem-se e instaurar o poder revolucionário. Dessa maneira, teve consciência, rapidamente, dos problemas que se colocavam à conquista do poder revolucionário e à luta armada". Em resumo: "esses dois Partidos se transformaram, em poucos anos, em Partidos de vanguarda, dotados de uma linha política própria, elaborada independentemente das forças socialistas internacionais e profundamente ligadas ao povo.

Segundo: No curso do seu desenvolvimento posterior, as contradições internacionais colocam esses partidos à testa do movimento popular antiimperialista — como o partido bolchevique há alguns anos antes. Na China, contra a invasão japonesa a partir de 1937; e no Vietnã contra os japoneses em 1937, e contra os colonialistas franceses a partir de 1945. Assim, a revolução antifeudal se transforma em revolução antiimperialista; a última acelera a primeira. A luta de classes ganha forma de uma guerra patriótica e a instalação do socialismo corresponde à restauração da soberania nacional: as duas estão ligadas, à testa da luta do povo e contra o

estrangeiro, esses partidos se consolidam como os defensores da Pátria. Confundem-se com ela.

Terceiro: As circunstâncias dessa mesma guerra de Libertação levam os partidos, originalmente compostos de estudantes e do melhor que existe na classe operária, a deslocar-se ao campo e levar uma guerra de guerrilhas contra o invasor. Fundem-se aos camponeses e pequenos proprietários; o Exército Vermelho e as Forças de Libertação — Vietminh — transformam-se no Exército Camponês sob a prática da aliança de classe majoritária e classe de vanguarda: a aliança operário-camponesa. O Partido Comunista, nesse caso, é o resultado e o motor da aliança. Os dirigentes, não são nomeados artificialmente por um Congresso ou submetidos a uma tradição, mas aprovados, trabalhados e temperados pela terrível luta que têm final vitorioso. A função faz o funcionário, mas paradoxalmente, apenas personagens históricos. "fabricam história".

Sem entrar em detalhes, as circunstâncias históricas dão aos partidos Comunistas latino-americanos, em sua grande maioria, o mesmo aprofundamento e o mesmo desenvolvimento. As condições de sua fundação, seu crescimento, suas ligações com as classes exploradas são evidentemente outras. Cada um deles terá sua própria história, mas assemelham-se pelo menos no que viveram até o mesmo ponto, o problema da conquista do poder, e desde sua fundação, assemelham-se também pelo fato de não terem conseguido colocar-se à testa dos movimentos de libertação nacional, em países dotados de independência formal; não puderam, dessa forma, realizar a aliança operário-camponesa, conjunto coerente de limitações devidas a condições históricas comuns.

O resultado natural dessa história é uma certa conformidade dos organismos dirigentes e dos próprios partidos às circunstâncias em que nasceram e cresceram. Mas, pela própria definição, as conjunturas históricas não são imutáveis. A Revolução Cubana e a mecânica que ela desencadeou em toda a América Latina abalaram os velhos panoramas. Uma luta armada revolucionária tanto onde existe como onde se prepara, exige uma profunda transformação dos hábitos do tempo de paz. A guerra, como se sabe, é um prolongamento

da política, mas sob formas e com meios particulares. Acontece que, a direção efetiva de uma luta armada revolucionária exige um novo estilo de direção, um novo modo de organização e novos reflexos físico-ideológicos dos responsáveis e dos militantes.

Um novo estilo de Direção: Está amplamente provado que não se dirige uma guerra de guerrilhas do exterior, mas de dentro, aceitando sua cota de riscos. Num país em que se desenrola uma guerra dessa natureza é, pois, necessário que o grosso da direção abandone as cidades e se incorpore ao exército guerrilheiro. Esta é, em primeiro lugar, uma medida de segurança que garante a sobrevivência dos dirigentes políticos. Um Partido da América Latina adotou essa decisão. E esse mesmo Partido transformou igualmente seu Comitê Central, colocando a maioria dos velhos dirigentes para fora, substituindo-os por jovens diretamente ligados à guerra ou à luta clandestina urbana. A reconversão do Partido ocorre, pois, paralelamente ao seu rejuvenescimento. Na América Latina, existe um laço profundo entre biologia e ideologia onde quer que a luta armada esteja na ordem do dia. Por absurda e chocante que possa parecer tal relação, nem por isso deixa de ser menos determinante. Um velho, habituado à atmosfera da cidade, afeito a outras circunstâncias e propósitos, incorpora com dificuldade à montanha ou, em menor escala, à clandestinidade ativa nas cidades. Deixando os fatores morais (convencimento) de todo treinamento requerido para a guerra de guerrilhas, o físico é fundamental. Os dois marcham lado a lado. Uma perfeita educação marxista não é, inicialmente, condição imperativa. Que um velho possua uma militância a toda prova — uma formação revolucionária — não basta, para enfrentar uma vida guerrilheira, sobretudo no começo. A aptidão física é condição para todas as outras atitudes possíveis: trivialidade de aspecto pouco teórico, mas a luta armada parece ter razões que a teoria desconhece.

Uma Organização Nova: A transformação do Partido em um organismo diretor eficaz, à altura do momento histórico lhe impõem, também, o rompimento com a plethora de comissões, secretariados, congressos, conferências, plenos, ampliados, reuniões e assembléias em todos os escalões: nacional, esta-

dual, regional e local, apenas para citar os mais importantes. Face a uma situação de urgência e ante um inimigo militarmente organizado, semelhante máquina se mostra paralisadora no melhor caso, homicida no pior. É a origem desse vício deliberativo, de que fala Fidel, oposto aos métodos executivos, centralizados e verticais, combinados com grande independência tática dos organismos subalternos que reclama a condução das operações militares. Essa conversão exige, pois, a suspensão temporária da “democracia interna” no Partido e a abolição temporária das regras do centralismo democrático que assegura àquela. Ainda que sendo voluntária e consciente e sendo-a mais do que nunca, a disciplina partidária torna-se disciplina militar. Uma vez analisada a conjuntura, o centralismo democrático serve para fixar uma linha, eleger um Estado-Maior de direção, sendo imediatamente suspenso para pôr a linha em prática. Os órgãos subalternos se isolam uns dos outros, reduzem ao mínimo seus contatos com a direção, segundo as regras tradicionais de clandestinidade, e utilizam da melhor forma possível a maior margem de iniciativa que lhes é dada para pôr em execução a linha geral.

Novos Reflexos Ideológicos: Também não correspondem a um estado de guerra objetivo, certos comportamentos reflexos: basear toda linha política nas contradições existentes entre as classes inimigas e os grupos de interesses divergentes no seio da mesma classe social: a burguesia. A busca obsessiva de alianças com tal ou qual facção da burguesia, os apoios negociados, as manobras eleitoreiras nas quais a classe dominante sempre tirou proveito até hoje, a manutenção da unidade a todo custo, mesmo daqueles princípios revolucionários, que pouco a pouco faz da sobrevivência do Partido um fim em si mesma, mais sagrado que a própria revolução, a febre do cerco, herança de um passado abolido e um séquito de desconfiança e soberba, rigidez e contrações, são erros derivados do anterior.

Dirigindo-se fraternalmente aos companheiros de partido, no curso da luta contra Batista, Che Guevara lançava este improviso: “Vocês são capazes de criar quadros que se deixam despedaçar na obscuridade de um calabouço sem fa-

larem nada, mas não de quadros que tomem de assalto um ninho de metralhadoras." Esta observação não é um juízo de valor, mas uma avaliação política. Não se trata de substituir uma covardia por uma valentia, nem uma ideologia por outra, mas a coragem por outra forma de coragem, um modelo de ação (e identificação psíquica) por outro, ou seja, levar às últimas conseqüências seus princípios, até o ponto em que eles exigem do militante outras formas de ação, outros reflexos de seu sistema nervoso.¹⁸

Podemos agora levantar a segunda questão. Como superar as lacunas? Em que condições tais partidos poderiam reasumir sua função de vanguarda mesmo na guerra de guerrilhas? Mediante um trabalho político deles sobre si mesmos, ou se exige historicamente outra formação? Para responder a estas perguntas do futuro é preciso olharmos não apenas o passado, mas também o presente.

[A questão poderia ser colocada, definitivamente, da seguinte forma: Como se forma o Partido de Vanguarda? Pode o Partido, nas condições existentes na América Latina, criar o exército popular ou é o exército popular que deve criar o Partido de Vanguarda? Quem é núcleo de quem?]

Muitos Partidos Comunistas tiveram na América Latina um impulso ilusório até há 30 ou 40 anos, por razões incontrolláveis, criando assim uma situação complexa. Pois bem, os Partidos são instrumentos da luta de classes. Onde o instrumento já não serve mais,¹⁹ deve-se deter a luta de classes ou deve-se forjar novos instrumentos? Questão imbecil: sua resolução não nos pertence. A luta de classes — sobretudo na América Latina de hoje — pode ser freada, desgastada, desviada, mas nunca se deterá. Então, as classes populares inventarão suas vanguardas, se unirão aos que aparecerem, e o dever do revolucionário é precipitar o aparecimento e sua formação. Mas formação de que, exatamente?

Assistimos hoje, aqui e ali, a subversões estranhas. Che Guevara escreveu num artigo que a guerrilha não era um fim em si mas um método para alcançar um fim: a conquista do poder político. Mas a guerrilha tem servido a muitos outros fins: meio de pressão sobre governo burguês, elemento de troca política; trunfo de reserva para os maus dias. Tais

eram os fins que certas direções queriam dar à seus instrumentos militares. O método revolucionário servia para fins reformistas.²⁰ Então, após algum tempo de patadas, o método guerrilheiro volta-se contra o fim imposto de fora, contradizendo-o e toma sua própria direção política. Para reconciliar-se consigo mesma, a direção se constitui em Direção Política, único meio de resolver a contradição e desenvolver-se militarmente. Observemos que em nenhum lugar a guerrilha pretendeu formar um novo Partido? Parece melhor apagar em seu seio toda distinção de Partido ou doutrina entre os combatentes. O que unifica é a guerra e seus objetivos políticos imediatos. O movimento guerrilheiro começa pela sua própria unidade, em torno da unidade entre os sem-partido e de todos os partidos representados na guerrilha. A mais decisiva das definições políticas é pertencer à guerrilha, às Forças Armadas de Libertação. Assim, pouco a pouco, esse pequeno exército faz a unidade tendo por base todos os partidos, e à medida que cresce e obtém as primeiras vitórias. Finalmente, o futuro Exército do Povo engendrará o Partido que ele deveria ser teoricamente o instrumento: no essencial, o Partido é ele.

Não conheceu a Revolução Cubana o mesmo paradoxo? Não se observou, para escândalo seu, que o instrumento habitual de conquista do poder, o Partido, foi elaborado após a tomada do mesmo? Mas, não! Ele já existia, embrionariamente: era o Exército Rebelde. Fidel, simples Comandante em Chefe do Exército Rebelde nos primeiros meses de 1959, já era dirigente do Partido, ainda que não oficialmente. Um jornalista em Cuba admirava-se, certo dia, de ver tantos dirigentes comunistas em trajes de campanha; acreditava que o "batle dress" e o revólver fizessem parte do folclore da Revolução, uma espécie de afetação guerreira, em suma. Pobre dêle! Não era afetação, mas a própria história da Revolução que ele tinha diante dos olhos, e certamente a história futura da América. Da mesma forma que nominalmente o socialismo só chegou após um ano de prática revolucionária, o nome do Partido só surgiu três anos após a existência do Partido proletário uniformizado. Não foi o Partido, em Cuba, o núcleo dirigente do Exército Popular, como no caso vietnamita citado por Giap; ao contrário, o Exército Rebelde foi o

5
núcleo dirigente do Partido, seu núcleo construtor. Os primeiros dirigentes de Partido nasceram em 26 de julho de 1953, em Moncada. O Partido tem a mesma idade da Revolução: vai completar 14 anos. Moncada, o núcleo do Exército Rebelde; o Exército, o núcleo do Partido. Em torno desse núcleo e somente porque já existia ele, com sua direção político-militar própria, foi possível juntar-se e unir todas as forças políticas para formar o que hoje é o Partido Comunista de Cuba, mas a base e a cabeça são formadas pelos camaradas saídos das fileiras do Exército.

"A revolução latino-americana e sua vanguarda, a revolução cubana, fazem assim, um avanço decisivo à experiência revolucionária internacional e ao marxismo-leninismo. Em certas condições, a instância política não se separa da instância militar; ambas formam um todo orgânico. Esta organização é a do Exército Popular cujo núcleo é o Exército guerrilheiro. O Partido de vanguarda pode existir sob a própria forma do foco guerrilheiro. A guerrilha é o Partido em gestação."

Esta a desconcertante inovação introduzida pela Revolução Cubana.

Trata-se, sem dúvida, de uma contribuição. Poder-se-ia julgar esta situação excepcional como fruto de uma conjuntura única, irrepetível. Ao contrário: a recente evolução dos países onde se pensa em luta armada vem a confirmar e a reforçar o caso Cuba. Reforça porque, se a ideologia do Exército Revolucionário não era Marxista, a ideologia dos novos comandantes de guerrilhas no continente o é claramente, bem como claramente socialista e proletário o fim a que se propõem. Precisamente porque sua linha era tão clara e sua resolução tão inabalável, separaram-se, em certo ponto de seu desenvolvimento, dos Partidos de vanguarda existentes, propondo a estes (Guatemala) ou impondo-lhes (Venezuela) suas concepções políticas, ideológicas e organizacionais como base para qualquer acordo possível. Em resumo: romper qualquer dependência com os partidos políticos para substituir as desfalecentes vanguardas políticas. Ou seja, chegar ao ponto de onde partiu a Revolução Cubana.

Dessa maneira termina um divórcio de várias décadas entre a teoria marxista e a prática revolucionária. Por contingente e frágil que possa parecer essa reconciliação, será na guerrilha, dona de sua própria direção política, que ela se concretizará; nesse "punhado de homens sem outra alternativa que a morte ou a vitória, em momentos em que a morte é um conceito mil vezes presente e a vitória um mito que apenas o revolucionário ousa sonhar" (Che Guevara). Tais homens podem morrer; surgirão outros mais tarde, infalivelmente. É preciso arriscar; a união da teoria e da prática não é uma fatalidade mas um combate, e nenhum combate é antecipadamente ganho: se ela não aparece é porque ela não existe.

A guerrilha, se aspira realmente ser uma guerra política total, não pode suportar, de saída, nenhuma dualidade fundamental de funções ou poderes. Che Guevara chega a desejar que os chefes militares dirigentes de lutas insurrecionais na América "estejam unidos, se possível, numa só pessoa." Mas, seja pessoal (no caso de Fidel) ou colegiada, o importante é que a direção seja homogênea, política e militarmente. Militares de carreira poderão converter-se no exercício da guerra popular em dirigentes políticos (Luis Augusto Turcio, por exemplo, se tivesse sobrevivido); militantes políticos poderão chegar a ser chefes militares aprendendo a arte da guerra, em sua própria execução (Douglas Bravo, p.ex.)

Essa evolução é indispensável. Pois, uma guerrilha não pode desenvolver-se militarmente sem que se converta em vanguarda política. Enquanto ela mesma não elaborar sua linha política, enquanto continuar a ser uma "guerrilha de pressão" ou de diversão política, tateia inutilmente, qualquer que seja o êxito de suas ações parciais. Como tomar a iniciativa? De onde surge seu moral? Será ir "muito longe" não querer catalizar nela as esperanças e a energia popular, que a transformará em força diretora, *ipso facto*? Precisamente porque é uma luta de massas, e a mais radical de todas, a guerrilha tem necessidade de reunir em torno dela, *politicamente*, o maior número de classes exploradas para triunfar *militarmente*. Não se triunfa sem a participação ativa e organizada dessas classes, pois a greve geral ou insurreição urba-

na geral é que darão o tiro de misericórdia ao regime, des-
tuindo as últimas manobras — golpe de Estado, junta de
mudança, eleições — quando a luta se estender a todo país.
Para chegar até aqui, não será necessário um longo e paciente
esfôrço para coordenar tôdas as formas de luta a partir da
montanha a ação das milicias com a das tropas regulares, as
sabotagens na retaguarda, guerrilhas suburbanas com as ope-
rações da guerrilha central e, fora da luta armada, intervir
cada vez mais na vida civil do país?

Rádio
Daí a importância de uma emissora de rádio à disposição
das forças guerrilheiras. O rádio permite ao Comando estabe-
lecer um contato diário com a população residente fora das
zonas de operação. Essa população recebe as instruções e as
orientações de ordem política, que, à medida que se estenderem
os triunfos militares terão maior repercussão. Em Cuba a
instalação da Rádio Rebelde, em março de 58 e seu freqüente
uso por Fidel consagrou o Comando do Exército Rebelde como
força diretora do movimento revolucionário. Cada vez mais,
em Cuba, católicos, comunistas, ortodoxos, todos se voltavam
para a serra, sintonizavam a Rádio Rebelde para “saber o
que era preciso fazer”, “onde se estava”, para saberem tam-
bém as notícias exatas. A clandestinidade se faz pública.
Os métodos e os fins revolucionários penetram no povo à
medida que se radicalizam. Depois da fuga de Batista, Fidel
denuncia pela Rádio a manobra do golpe de estado na capi-
tal, priva a classe dominante, em poucos minutos, de sua
última carta, e cristaliza sua vitória final. Antes disso, a Rádio
rompe a censura instaurada pelo govêrno sobre as operações
militares — hoje regra em todos os países onde há luta arma-
da. Pela Rádio a guerrilha força as portas da verdade e as
abre de par em par, a todo povo, sobretudo se respeita a regra
moral seguida em Cuba pela Rádio Rebelde, de não lançar ao
ar a menor notícia inverídica, não silenciar jamais as derro-
tas nem exagerar as vitórias. Em outras palavras, a emissora
de rádio dá uma nova qualidade ao movimento guerrilheiro.
Isso explica a resistência surda ou franca que os dirigentes
de um partido possam opor hoje a que o movimento guerri-
lheiro disponha desse meio de propaganda.]

Assim, para que o pequeno motor ponha realmente em
marcha o grande motor das massas, sem o qual sua ação será
limitada, é necessário, primeiro, que seja reconhecido pelas
massas como seu único intérprete e seu único guia, sob pena
de dividir e debilitar as forças populares. Para que se opere
esse reconhecimento é preciso que a guerrilha assuma tôdas
as funções de comando político e militar. Todo movimento
guerrilheiro que deseja levar até o fim a guerra popular, con-
verte-se necessariamente em (exército); digo, converter-se, se
necessário, em exército regular e começar uma guerra de
movimentos e posições, deverá, na América Latina de hoje
chegar a ser a vanguarda política indiscutível, com o essen-
cial de sua direção incorporado ao comando militar.

Como se justifica essa heresia? Com que título pode o
movimento reivindicar para si, verbalmente, essa responsa-
bilidade?

A título da aliança de classes que só êle pode selar, a
mesma que tomará o poder e o administrará, a mesma cujos
interesses são os do socialismo; a aliança operário-camponesa.
O exército consolida esta aliança na ação, é ela mesma perso-
nificada. Quando arroga a si as prerrogativas de dirigente
político, esse exército não faz senão ser conseqüente ao seu
conteúdo de classe, prevendo os perigos de amanhã. Só assim
se pode garantir que o poder popular não será desnaturado
após a vitória. Se no próprio curso da guerra de libertação
o movimento guerrilheiro não assume as funções de direção
política, será tanto mais difícil assumi-las ao final, e a bur-
guesia, seguramente com todo apoio do imperialismo, saberá
aproveitar-se da situação. Observemos apenas em que difi-
culdades foi colocada a Argélia de hoje pela divisão de ontem
entre combatentes do interior e o govêrno político no exílio.
Não há melhor exemplo dos riscos que implicam na separa-
ção das funções militares e políticas, na ausência de um par-
tido marxista de vanguarda. Assim, é a guerra civil revolucio-
nária que cimenta os agentes históricos da nova sociedade?

Diz Lênin, numa de suas últimas notas: “A guerra civil
soldou a classe operária ao campesinato e isso é a garantia
de uma força invencível.”²²

o *conjunctura*

Na montanha, encontram-se pela primeira vez, camponeses, operários e intelectuais. A integração não é muito fácil, pelo menos de início: No próprio seio do acampamento pode haver a divisão em grupos, como anteriormente em classes, sobretudo se há elementos de origem indígena: isolam-se e falam sua língua, quetchua ou cakchikel. Outros, que sabem escrever e falar bem, colocam-se espontaneamente em outra tenda. Desconfiança, timidez, costumes que devem ser superados pouco a pouco, mediante um trabalho político incansável, de que os chefes dão o exemplo. Esses homens têm, todos, algo que aprender uns com os outros, a começar pelas suas diferenças. Como devem adaptar-se às mesmas condições de vida e participarem da mesma empresa, adaptam-se uns aos outros. Lentamente, a vida comum dos combatentes, as fadigas suportadas juntamente, forjam a aliança que tem a força simples da amizade. Além disso, a primeira lei da guerrilha é que nela não se sobrevive sozinho. O interesse do grupo é o interesse de cada um e vice-versa. Viver e vencer significa viver e vencer juntos. Que apenas um combatente se arraste e fique desgarrado da coluna em marcha significa que toda coluna será comprometida em sua segurança e rapidez. O inimigo está na retaguarda; impossível deixar o companheiro no caminho nem devolvê-lo. É preciso que cada um compartilhe de sua carga, aliviá-lo de sua mochila, de suas cartucheiras, ajudá-lo até o fim. Nessas condições, o egoísmo de classe não dura muito. A psicologia pequeno-burguesa se derrete como neve ao sol, mingando às próprias bases da ideologia do mesmo nome. Em que outro lugar semelhante encontro, semelhante aliança poderia produzir-se? Por isso mesmo, a única linha possível para a guerrilha é a "linha de massas"; não se sobrevive senão com o apoio, e vive-se todos os dias em seu contato: as velidades burocráticas estão demasiadamente fora de seu propósito para serem possíveis. Não será esta, para o futuro dirigente ou quadro socialista, a melhor educação? Assim, a guerra civil revolucionária faz os revolucionários, mais do que estes àquela.

Diz, Lênin, nas mesmas notas: "A guerra civil educou e temperou (Denikin e outros são bons mestres: nos ensinaram

sériaente); todos nossos melhores militantes estiveram no exército."

Os melhores mestres do marxismo-leninismo são os inimigos enfrentados. Estudo e a aprendizagem são necessários; são decisivos. Não há quadros acadêmicos. Não se pode, pois, pretender formar quadros revolucionários em escolas de formação teórica desvinculadas das tarefas insurrecionais e da experiência de combate *comum*: pureza explicável na Europa Ocidental; falha imperdoável em outros lugares.

A função política da guerrilha, ou sua vocação em fazer-se direção se revela melhor quando ela organiza a primeira zona liberada? Faz-se então o ensaio e a aprendizagem das medidas revolucionárias de amanhã (como na Segunda Frente do Oriente): reforma agrária, congressos camponeses, nova repartição de impostos, tribunais revolucionários, disciplina na vida coletiva. A zona liberada se converte no protótipo e exemplo do estado futuro, e seus administradores, em exemplos de dirigentes futuros do Estado. Quem, senão a força armada popular, pode fazer semelhantes "ensaios"?

A aliança operário-camponesa encontra freqüentemente seu ponto de união em um grupo de revolucionários saídos da burguesia, onde se recruta boa parte do comando guerrilheiro. Ainda que essa possibilidade seja hoje reduzida pela extrema polarização das classes sociais, está longe de ser abolida.

Tal é a lei das "equivalências-substituições" nos países colonizados: uma classe operária pouco numerosa e sob o domínio da influência de uma aristocracia sindical reformista, o campesinato isolado e humilhado, recebem um burguês como Direção política. No curso da luta armada que os desperta e os mobiliza, produz-se uma espécie de delegação provisória de poderes.

Inversamente, para assumir essa missão, essa substituição histórica de não usurpar uma função que não é senão consentida, essa pequena burguesia deve, segundo a expressão de Cabral, "suicidar-se enquanto classe para ressuscitar como trabalhador revolucionário inteiramente identificado com as aspirações mais profundas de seu povo". O lugar e o momento mais propício para esse suicídio é a ação guerrilheira. Aqui, o pequeno grupo inicial, vindo da cidade, faz

a experiência quotidiana de uma realidade agrária, incorpora-se pouco a pouco às necessidades dela e compreende, em suas raízes, suas aspirações, despoja-se do verbalismo político e faz dessas aspirações o seu programa de ação. Onde melhor que no Exército guerrilheiro em formação se poderá operar essa mudança de base e essa ressurreição? Aqui o verbo político se faz carne? O ideal revolucionário emerge das sombras incolores das fórmulas e ganha corpo, surgindo à plena luz do dia. Esta encarnação é uma surpresa, e quando os que a viveram querem descrevê-la — na China, Vietnam, Cuba, em tantas partes — o fazem com exclamativas, não com explicações:

“O espírito renovador, a ânsia de superação coletiva, a consciência de um destino superior estão em pleno auge, e podem chegar incomparavelmente mais longe. Já tínhamos ouvido falar várias vezes destas coisas, sempre com o sabor de palavras ôcas e abstratas, e presumimos seu lindo significado, mas agora a estamos vivendo; é palpável a todos os sentidos e é realmente algo singular. Vêmo-lo evoluir de forma singular nesta serra que é nosso pequeno mundo. A palavra povo que se pronuncia tantas vezes com sentido vago, confuso, converte-se aqui numa realidade maravilhosa, deslumbrante. Agora sim, sei o que é o povo; vejo-o nessa fôrça invencível que nos rodeia por tôda parte, vejo-o em caravanas de trinta ou quarenta homens, iluminados por tochas, descendo as encostas enlameadas, às duas ou três horas da madrugada, com 60 libras de peso nas costas, levando mantimentos para nós. Quem os organizou tão maravilhosamente? De onde tiram tanta habilidade, astúcia, valor, abnegação? Ninguém sabe! É quase um mistério! Organizam-se sôzinhos, espontâneamente! Quando os animais se cansam e jazem incapazes no solo, surgem os homens e nos trazem as mercadorias. A fôrça já nada pode contra eles. Teriam que matá-los, a todos, até ao último camponês, e isso é impossível, isso a tirania não pode fazer; o povo toma consciência disso e faz-se cada dia mais forte, cada dia mais consciente de sua imensa fôrça.”²⁵

Todos êsses fatores, atuando juntos, formam, pouco a pouco, uma tropa estranha, que algumas fotografias a fizeram bizarra, e ante a qual nossa imbecilidade não sabe senão admirar os seus adôrnos de suas longas barbas. São os militantes do nosso tempo. Nem mártires, nem funcionários; combatentes. Nem criaturas de pompa, nem potentados. O aparato, nessa etapa, são eles. Homens de ofensiva, sobretudo na retirada. Tenazes e responsáveis. Possuidores, cada um dêles, do sentido e do fim dessa luta armada de classe por intermédio de seus chefes, combatentes como eles e que vêm, todos os dias, com o mesmo peso nos ombros, sofrer as mesmas bôlhas nos pés, morrer de sede com todos nas montanhas durante as marchas. Os enfatiados sorriem desse sonho à la Rousseau. É ocioso notar que não é o amor pela botânica nem a busca da felicidade que os levou à montanha, mas a consciência dessa necessidade histórica: o poder se toma e se conserva na capital, mas o caminho que leva os explorados até lá passa pelo campo, inelutavelmente. Será necessário recordar que a guerra e a disciplina militar, muito mais fortes na guerrilha que no Exército regular são rigores de que carece o “Contrato Social”? Alguns desses grupos desapareceram, antes de converterem-se em vanguarda, ou por retirada, ou por aniquilamento. Numa luta tão decisiva, cujo risco é tão grave, e que contudo está em seus primeiros passos, tais derrotas são normais. Outros, mais importantes, situados em países cuja história provam a importância perante a América Latina — Venezuela, Guatemala, Colômbia — a guerrilha firma-se e desenvolve. Por êsses países avança a história de hoje. Amanhã, outros países se unirão àqueles e tomarão a vanguarda dessa vanguarda.

Observou-se que nenhuma guerrilha tem comissário político, e nem os pede. A maior parte dos combatentes procedem de fileiras comunistas. São as primeiras guerrilhas socialistas que não adotam o sistema de comissários políticos. Esse sistema parece não corresponder à realidade latino-americana.

Se o que acabamos de dizer não está desprovido de algum sentido, essa ausência de técnicos em assuntos políticos vem a sancionar a ausência de técnicos em assuntos militares: o guerrilheiro é um e outro, indissolúvelmente. O exército po-

pular é sua própria autoridade política. Seus comandantes são os instrutores políticos dos combatentes; seus instrutores políticos são os comandantes.

Resumamos: Não compreender a fatalidade dessa novidade teórica e histórica pode levar a equívocos perigosos, mesmo no seio da luta armada. Considerar o Partido já existente como distinto e superior ao Partido de novo tipo que cresce com a guerrilha, conduz logicamente a duas atitudes:

Subordinar a guerrilha ao Partido — o sistema de comissários políticos é um efeito dessa subordinação. Supõe que o exército guerrilheiro é incapaz de dirigir-se por si mesmo e que deve ser orientado de fora; quer dizer, supõe a existência de um dirigente orientador revolucionário em uma vanguarda prévia à guerrilha. Tal pressuposto, desgraçadamente não corresponde à realidade.

Modelar o Partido sobre a Guerrilha — ou seja, construir o exército popular sobre o modelo tradicional do Partido. Vimos um efeito de tal sistema na preferência dada aos assuntos organizativos às tarefas operativas, crença de que o órgão pode criar a função. O outro efeito consiste nas assembléias de combatentes, cópias das assembléias de células. Este método democratista parece ser, para a guerrilha, o que o parlamento é para a democracia socialista (ou a arte populista em relação à arte popular): mais do que uma implantação e transplante de uma forma alheia, é um enxerto perigoso. Por isso, deve-se propiciar e desenvolver reuniões de discussão política e ideológica entre os combatentes. Mas há decisões que competem ao comando, os quais se pressupõe claros e justos, tanto militarmente como disciplinarmente. Convocar assembléias para tudo nos leva a perder a fé no comando e até em si mesmos, relaxa a disciplina consciente, fomenta as discórdias e as divisões no seio da tropa; sacrifica grande parte de sua eficácia militar. Relatos da guerra civil espanhola nos mostram como os combatentes republicanos discutiam, às vezes, as ordens do oficial em pleno combate, negavam-se a atacar tal ou qual posição ou a retirar-se em determinado momento, e faziam assembléias para escolher a tática a seguir, sob o fogo inimigo. Os resultados são sabidos. Em Cuba, a adoção ocasional desse método, ao princípio da guerra, se-

meou a confusão dentro das fileiras guerrilheiras, a favor de um juízo público, custando quase a vida de um valoroso capitão, que escapou de um tiro, que atingiu um companheiro. A lista poderia ser aumentada com tais experiências.

A situação neva, métodos nevos. Quer dizer, não adotar, por engano ou tradição, formas de ação que não são as próprias do novo contexto, leva a casos fatais.

Agora, é possível responder à questão inicial:

[Em alguns lugares da América, a longo prazo, não há opção entre partido de vanguarda e exército popular. Mas, de imediato, há uma hierarquia de tarefas, historicamente fundamentada. O exército popular será o núcleo do Partido, e não o inverso. A guerrilha é a vanguarda política "in nuce" e apenas de seu desenvolvimento pode surgir o Partido. Por isso é preciso desenvolver a guerrilha para desenvolver a vanguarda política. Por isso, na conjuntura atual, a tônica principal deve recair no desenvolvimento da guerra de guerrilhas e não no fortalecimento dos partidos e nem na criação de outros. Por isso, nesses lugares o trabalho insurreccional é o trabalho político número um.]

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PARA O FUTURO

Disso resulta uma linha de ação.

Disso resulta uma responsabilidade histórica. A Revolução Cubana jamais vacilou em assumi-la.

Quando o companheiro Che Guevara reassumiu o trabalho insurreccional, assumiu, num plano internacional, as consequências dessa linha de ação encarnada pelo dirigente da Revolução Cubana, Fidel Castro.

Quando Che Guevara reaparecer, é possível afirmar que estará à frente de um movimento guerrilheiro como chefe político *militar indiscutido*.

Pois bem, qualquer um pode vislumbrar as consequências gerais dessa relação de Cuba com a América Latina.

I — O decisivo, para o futuro, é a abertura de focos militares, e não de "focos políticos".

Esta distinção, capital em seus efeitos práticos, é muito mais do que uma simples diferença de mais ou menos urgên-

cia, mais decisivo ou menos decisivo, diferença admitida por todos, a começar pelos que pensam em preparar a abertura de uma frente insurrecional abrindo primeiro uma frente política, "marxista-leninista" ou nacionalista, segundo a regra clássica. Não. Trata-se de uma *nova dialética das tarefas*. Para explicá-lo esquematicamente, digamos que se trata do foco militar — ao foco político — prolongamento natural de uma luta armada de essência política — mas não se chega, via de regra, de um movimento político "puro" ao foco militar. Não se combate vitoriosamente à burguesia em seu terreno. Na maior parte dos países onde se verificam as condições para a luta armada, começando pelo foco militar, é possível chegar ao "foco" político, mas começando pelo "foco político" é quase impossível chegar ao "foco" militar.

Dai a involução clássica, tantas vezes repetida: o aparecimento em cena de novas organizações revolucionárias. Esta aspira a vida legal e logra a participar da vida política "normal" por certo tempo, a fim de consolidar-se e fazer nome, preparando assim as condições para uma luta armada. Mas ela esclerosou-se pouco a pouco nesse terreno, absorvida, tragada pela rotina dessa vida pública, que chega a ser o horizonte de sua ação habitual. Recruta alguns quadros, alguns militantes, celebra o primeiro congresso, mimeografa um periódico e boletins. Depois, são as cem assembleias anuais, as mil reuniões, os "primeiros contatos internacionais", o envio de delegados ao exterior, pois é necessário assistir aos múltiplos congressos, fazer-se representar permanentemente em alguns outros organismos, manter relações públicas. O saldo é positivo, sempre: os funcionários funcionam, a imprensa imprime, os delegados viajam, crescem as amizades internacionais, os dirigentes estão cheios de trabalho. Em resumo: a máquina anda. Custou caro e é preciso cuidá-la. "Fortalece-se a organização". A perspectiva de luta insurrecional diminui, de alguns meses para alguns anos, o tempo passa, com seus altos e baixos. A abertura de hostilidades é cada vez mais considerada como algo sacrílego, aventureiro, eternamente "prematureo". Então torna-se necessário acalmar alguns militantes que podem se inquietar e exigir satisfações; cada ano será formado um pequeno contingente de "quadros militares".

— assunto reservado à alta direção — mas conhecido de todos militantes da organização, que vão segredando suas esperanças. Ah! Mas o momento ainda não é chegado; nunca faltam os imprevistos. Os militantes precisam compreender que, passar imediatamente à luta armada seria romper a unidade da organização, que é sagrada; sabotar sua legalidade, provocar uma repressão contra seus dirigentes. Em resumo, a organização política vê em si mesma a finalidade de sua existência. Não passará à luta armada porque primeiro deve constituir-se em vanguarda revolucionária sólida, mesmo que a realidade não possa esperar por tal "status" de Partido que só será reconhecida como tal através da luta armada. Esse círculo vicioso vem corrompendo a luta armada já há alguns anos.

Logo, é inútil criar anticorpos no seio das organizações políticas existentes: a infecção oportunista, longe de deter-se, se agravará e será exacerbada. Está provado hoje que certas lutas políticas ou ideológicas, certas polémicas públicas não fizeram senão retardar o começo da luta de massas decisiva. A criação do "foco" político é mais uma mobilização dos mobilizados: transviam-se velhos dirigentes de um Partido a outro, levando um punhado de militantes consigo um punhado de militantes de um lugar a outro, procedendo-se a reajustes internos, mas o nível da luta de classes não se eleva com isso; pior ainda, tende a baixar, pois a luta não se trava por teses — de outra parte inexistentes no que se refere à *realidade nacional*, mas apenas por cismas pessoais, rancores e futilidades. Tais mudanças são de molde a tornar o operário ou o camponês indiferentes, pois nem sequer informados eles são. Não comovem também a classe dominante; ao contrário, ela isola o abcesso. Congressos, conferências, boletins, cartazes, pululam nos centros das capitais com toda legalidade, enquanto nos mesmos países os mesmos governos perseguem "ativistas" mais silenciosos mas muito mais perigosos para eles.

É preciso criar anticorpos na base, ao nível das massas, oferecendo uma alternativa real a seu alcance. Somente assim será mudada a direção política existente. Na maioria dos países latino-americanos a luta armada apenas começou ou vai começar a fazer sair a revolução de seu ghetto, dos fóruns universitários e de uma casta permanente de globe-

trotters. Falando em linguagem de filósofo certa problemática está morta desde a Revolução Cubana, quer dizer, uma certa forma de colocar que ordena o sentido de todas as respostas possíveis. Não são as respostas que devem mudar; são as próprias perguntas. Essas frações ou partido "marxista-leninista" movem-se no interior da mesma problemática política dominada pela burguesia. Em vez de transformá-la, contribui para implantá-la melhor, aferram-se a falsas questões e são hoje cúmplices da problemática oportunista: querelas de procedência entre organizações de esquerda, frentes eleitorais, manobras sindicais, chantagem a seus próprios membros. Esta problemática é o que se chama simplesmente de "politicaiha". Para fugir disso é preciso mudar de terreno em todos os sentidos.

Por isso as novas organizações políticas que surgiram após Cuba, os Partidos ou grupos "marxista-leninista" que se constituíram, se cremos em suas palavras, para precipitar a luta armada — sabotada pelos revisionistas — não alcançaram seus objetivos. Ainda mais: para defender sua pretensão de serem os monopolistas desse posto de vanguarda política do proletariado, essas organizações chegaram a sabotar a luta armada onde quer que ela se faça necessária. Reúnem-se em algum lugar para condenar os que colocam na prática sua propaganda, do mesmo modo que as direções ou Partidos dos quais se separaram. Adversários em palavras, associados de fato em pontos decisivos. Se houvesse uma aritmética própria para a América Latina, diríamos que a fração equivale à multiplicação. Esta *falsa alternativa* multiplica de fato os vícios aos quais pretendia opôr-se. Seria demasiado aborrecido estudar o fracasso de organizações ou Partido que se intitulam "filo-chineses", antes de mais nada. Podem atrair, no momento de sua formação, grupos de militantes honestos e resolutos, graças ao seu programa e promessas. Logo o seu método de trabalho, o ruidoso oportunismo de sua linha política, a sabotagem hipócrita de sua própria linha oficial sobre a luta armada, fazem das camadas revolucionárias — em particular a juventude — abandonarem essas organizações.* Estas se encontram agora às voltas com a hostilidade de mais uma organização (a fração multiplica, em vez de dividir).

Forçoso é confessar: em alguns países onde as forças revolucionárias começaram a preparar seriamente a luta armada, sentem-se mais vigiados e acossados por esses "partidos marxista-leninistas" dos quais muitos saíram, como de organismos repressivos. De qualquer maneira, compreendeu-se que a divisão dos Partidos Comunistas — corolário de polêmicas internacionais — deu-se sob uma falsa linha divisória, e que a verdadeira divisão histórica entre marxistas-leninistas revolucionários é de natureza diversa e se operará em outro terreno. Condenar o "fracionismo" não é, pois, abalar uma direção política dada ou uma posição ideológica com outra; é condenar um método, uma forma de luta revolucionária como vã e ineficaz, contraditória em seus fins declarados. É apertar o bêco sem saída e oferecer um atalho.

Na América, onde quer que exista uma vanguarda política em armas, já não há mais lugar para uma relação verbal-ideológica com a revolução nem para certos tipos de polêmica. O terreno mudou. As questões são outras. Onde quer que o imperialismo seja discutido de fato, os grupinhos são reabsorvidos e os revolucionários se unem à base de métodos e objetivos ligados à guerra do povo.

Façamos um pouco de Sociologia: esse tipo de organização de vanguarda não existe em nenhuma parte onde se encontra a guerrilha em ação. Venezuela, Guatemala, Colômbia, países cujo movimento guerrilheiro encontra na Revolução Cubana seu defensor e seu ideal moral e político. Existe um pouco mais nos países onde a luta armada está na ordem do dia, historicamente falando: Equador, Peru, Bolívia, Brasil. Chegou a ser algo em países onde a luta armada é algo distante e onde sua vanguarda revolucionária não se destaca claramente, na ação. Em outras palavras, tais grupos "marxistas-leninistas" têm uma importância inversamente proporcional à situação revolucionária dos países em que se encontram. Não devem seu êxito muito relativo ao fato de serem mais consequentemente revolucionários, mas ao fato de que a situação não o é.²⁷

Por isso é necessário não dispersar esforços e recursos em frentes políticas "puras" ou ideológicas "puras"; evitar a este-

rilização de energias revolucionárias, tradicionais na América Latina, nas rivalidades ou cisões entre seitas.

Por isso, por não poder o movimento revolucionário ser ativado senão com uma perspectiva insurrecional, muitos pensam que é preciso concentrar os esforços na organização político-militar. *Para não bloquear a política revolucionária é preciso desviar-se da política.* Para pô-la em marcha é preciso inverter os recursos em uma organização *simultaneamente* política e militar, acima das polêmicas existentes.

II — Sem luta armada não há vanguarda definida. Onde quer que, não havendo luta armada, e existindo tais condições para tanto, é que não existe vanguarda política. (Tal não é o caso, por exemplo, do Uruguai, onde não há condições imediatas de luta armada e existe um forte e combativo movimento de massas.)

Se não há vanguarda constituída nesses lugares, é que tôdas as organizações de esquerda têm iguais títulos para postular o pósto.

Se tôdas podem igualmente chegar a sê-lo, não seria acelerar a formação dessa vanguarda realmente representativa manter relações apenas com uma delas. O sectarismo, nessas condições, mais dô que ridículo, não teria fundamento.

“Nós não pertencemos a nenhuma seita, não pertencemos a nenhuma maçonaria internacional, não pertencemos a nenhuma igreja”, disse Fidel recentemente.

É preciso impedir que os partidos “marxista-leninistas” que não cumprem seu dever de revolucionários se constituam em um sindicato de interesses ameaçados e estorvem o ascenso inelutável de novas formas de organização e ação revolucionárias. Pelo nome que levam e pela ideologia que declaram, ocupam *de direito* o lugar de vanguarda popular. Se não o ocupam *de fato*, não se pode deixar o lugar vago. A revolução não tem proprietários exclusivos.

“Nossa política é de ampla relação com tôdas as organizações de esquerda e de Frente ampla, conseqüente com a Declaração de Havana”, falou Fidel há pouco tempo.

É muito difícil que tal frente tome corpo antes da luta armada, se realmente se tratar de uma frente revolucionária,

e não uma aliança que viva em tempos de eleição ou um pacto entre burgueses para reconquistar o poder de casta perdido. A formação da frente ant imperialista passa, pois, pela guerra popular.

Em conseqüência, diferentemente de outros países, a única exigência que parece desprender-se da posição cubana para ter seu apoio, é a seguinte: não se pode postular o papel de vanguarda a menos que se enfrente o imperialismo em atos e em palavras, condição que Lênin exigia dos que queriam aderir à III Internacional. Aos “marxistas-leninistas” deve aplicar-se também o preceito de Lênin: “Para saber o que pensam os social-democratas é preciso olhar suas mãos, não a sua bôca”.

III — É patente que hoje, na América Latina, a luta contra o imperialismo é decisiva. Se é decisiva, o resto é secundário.

Se a luta armada das massas contra o imperialismo é capaz de criar a longo prazo, e apenas ela, a vanguarda capaz de levar os povos ao socialismo, não se pode, hoje, definir-se em relação ao reformismo ou atal ou qual organização política existente, e senão com relação ao imperialismo, fundamentalmente. Regular o passo de sua ação sôbre a inação reformista não é perder tempo apenas, é paralisar o decisivo em nome do secundário.

Mais ainda: o melhor meio de acabar com as vacilações é passar ao ataque ao imperialismo e aos seus sequazes locais, onde as condições o permitam. Dessa maneira o problema se inverte. Caberá aos que conciliam definir-se com relação aos revolucionários e não o inverso. São eles que deverão definir-se, na realidade, com relação a um fato consumado. Ou entram na luta contra o imperialismo e êste é o melhor dos casos, ou se resistirem, será pior para eles. A história os deixará à margem do caminho. Uma emboscada fracassada, um torturador abatido, um lote de armas recuperado são as melhores respostas às veleidades reformistas que possam surgir em tal ou qual país da América.

Após a Revolução Cubana, após a invasão de S. Domingos, existe na América Latina *um estado de emergência*. Os “marines” disparam sôbre tudo o que se move, sem distinção

de partido. Razões de emergência e razões de princípios impõe a frente armada revolucionária. Onde quer que o combate tenha seguido uma linha ascendente onde quer que as forças populares tenham-se colocado em sintonia com a emergência, entraram no campo da unidade. Nas demais partes, dispersam-se e debilitam-se. Tudo ocorre, pois, no sentido da necessidade de centralizar esforços na organização prática da luta armada sobre os princípios do marxismo-leninismo.

Em torno desta linha reúnem-se hoje, na América Latina, os que têm armas na mão. Todas as formações convergem a elas à medida que se aproxima a luta armada. Esse encontro não se dá ao acaso, nem se deve a um complô. Não foram dados o santo e a senha, como quer crer a burguesia. Este encontro é simplesmente racional. Em uma situação histórica dada pode haver mil maneiras de falar de Revolução, mas há uma concordância necessária entre aqueles que se decidiram a fazê-la.

FFLCH/USP
BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES
COLEÇÃO LUCILA BERNADET
PROC. 96.1.932.8.3
DATA: JUNHO DE 2009

TOMBO: 392075



NOTAS:

- 1) Como se sabe, Fidel encontrou em Martí sua inspiração política fundamental. Inspiração fortalecida e corrigida já antes de Moncada pelas idéias de Marx e Lênin. Deste, preocupou-se fundamentalmente com as idéias contidas em "O Estado e a Revolução", de onde tirou como axioma a destruição do velho aparato estatal e de seus meios de repressão. Mas suas outras fontes de inspiração foram Pablo de la Torriente Brau (Realengo 18), os relatos das campanhas de Máximo Gómez, os textos de Engels que explicam as difíceis condições de luta imposta ao proletariado parisiense para lutar nas ruas, com o fuzil chassépot e a abertura de grandes avenidas; "Por quem os sinos dobram", de Hemingway (onde Paulo e seu grupo de quase guerrilheiros se mantêm na serra, à retaguarda dos fascistas entre Madri e Segóvia). Mais do fontes, esses livros são confidenciais: Fidel não encontrou nêles senão o que procurava. Os "Problemas Estratégicos da Guerra Popular Anti-japonesa" de Mao Tse-Tung, caíram em mão de Fidel e de "Che" após a ofensiva de verão de 1958: com muita surpresa, viram nêses livros o que já haviam praticado, premidos pelas necessidades.
- 2) Che Guevara: "Guerra de Guerrilhas (Um Método)"
- 3) Resumo da carta que o destacamento guerrilheiro "Edgar Ibarra" dirigiu ao CC do PGT (Partido Comunista), dirigente nacional do "Movimento 13 de Novembro" em outubro de 1964, em razão dos conflitos que surgiam no movimento revolucionário guatemalteco.
- 4) Para uma boa descrição da atitude trotskista, veja-se Sartre: "Os comunistas e a Paz".
- 5) Isso não justifica o fascínio nem o tabu que ocultam ainda para alguns a pessoa e as obras de Trotsky, do qual dizia Lênin, pouco antes de morrer: "Pessoalmente, talvez seja o homem mais capaz do atual CC, mas também é presunçoso em excesso e se apaixona demais por aspectos puramente administrativos do trabalho". (Obras Completas, t. 36, p. 602).
- 6) Confronta-se com proveito o artigo de Henri Edmé, em "Les Temps Modernes" (abril de 1966) e o de Pumaruma, dirigente de "Vanguarda Revolucionária", organização peruana de origem remotamente trotskista. O primeiro expressa com agudeza suas premissas, o ponto de vista dos Partidos Comunistas mais tradicionais (veja-se a resposta de Osvaldo Barreto no próximo caderno da Revista Casa das Américas). Os dois autores formulam conclusões análogas, por sinal muito imprecisas: autodefesa camponesa situada no campo, formação de quadros e lutas políticas "evoluídas" na cidade.
- 7) Ernesto Che Guevara: "Pasajes de la Guerra Revolucionária".
- 8) O primeiro guia dos rebeldes que gozava de toda confiança, Eutímio Guerra, simples camponês, recebeu 10.000 pesos de Casillas para matar Fidel. Por acaso e, segundo Fidel, "um sexto sentido", foi descoberto e executado imediatamente.

- Que será hoje, que o inimigo reconhece o valor insubstituível de um chefe, sobretudo na primeira etapa? Pela traição de um guia, foi assassinado Luis de la Puente, no Peru.
- 9) Em julho de 1963, todo um foco guerrilheiro — 21 homens — foi liquidado na zona de Ezabal, na Guatemala, por falta de vigilância: um mensageiro guerrilheiro foi detido na cidade e obrigado, sob ameaça da metralha, a guiar um destacamento do exército centro-americano até o acampamento. À testa da fila, o mensageiro tomou o caminho mais difícil, acreditando estar guardado por um sentinela, e se denunciou por um grito antes de chegar ao lugar onde devia encontrar o sentinela: ninguém respondeu. O mensageiro foi abatido e o destacamento seguiu seu caminho, entrando à noite no acampamento. O sentinela havia sido deslocado, pois se julgava inacessível a entrada.
 - 10) "The Strategy of Armed Struggle" — Monthly Review, setembro de 1966.
 - 11) Ver o relato da ofensiva inimiga e da contra-ofensiva rebelde feito por Fidel Castro pelo rádio, a 26 de julho de 1958.
 - 12) Também aqui, o que sucede em muitos países da América Latina já era visível na Revolução Cubana. Basta citar o trecho seguinte, de uma carta de Fidel Castro, em nome de todo o Exército Rebelde, ao responsável pelo fornecimento de armas: "Sierra Maestra, 4-12-58 — Prezado Bebo, decidimos reorganizar nosso próprio esquema de fornecimento de armas do exterior. Após 17 meses sem receber de fora a menor ajuda por parte da organização (a que chegou semanas atrás foi por conta de uma gestão independente), é muito difícil acreditar em outra coisa que não seja nosso próprio esforço. Foram gastos cerca de 200.000 pesos sem que tivéssemos chegado sequer um fuzil, sequer uma bala. O que esperamos do México há mais de um ano está em poder do inimigo, nada menos que em Pinar del Rio. Que falta nos fazem as armas que, pouco a pouco, se perderam, por terem outros companheiros sustentado o critério que o correto era abrir outras frentes, e não fortalecer as que tínhamos!"
 - 13) Che Guevara: "Guerra de Guerrilhas".
 - 14) "Che" dá a seguinte explicação do conflito: — Noutra parte, Fidel expressa claramente: — "Condição essencial para um revolucionário, é saber interpretar a realidade. Referindo-se à greve de abril, explica como não soubemos expressá-la nesse momento e por isso sofremos uma catástrofe. Porque se secretou a greve de abril? Porque havia no seio do movimento uma série de contradições que denominamos entre a serra e a cidade, e que se evidenciavam através das análises dos elementos considerados fundamentais para decidir a luta armada, que eram diretamente opostas em cada uma das facções. A serra estava disposta a derrotar o exército tantas vezes quantas fosse necessário, ganhando batalha após batalha, tomando seu armamento, chegando finalmente à tomada total do poder, tendo por base o Exército Rebelde. A planície era partidária da luta armada geral, em todo o país, tendo por epílogo a greve geral revolucionária, que expulsaria a ditadura de Batista e lançaria a base da "autoridade civil" no governo, transformando o novo exército em algo "apolítico". O choque entre estas duas teses é contínuo e não convém à unidade do comando que se exige em momentos como esse. A greve de abril foi preparada pela cidade, rom a anuência da direção da serra, que não se sentiu capaz de impedi-la ainda que tivesse sérias dúvidas sobre o resultado, e com reservas expressas do P.S.P., que avisou a tempo dos perigos. Os comandantes revolucionários descem às cidades para ajudar nos preparativos, e assim Camilo Cienfuegos, nosso inesquecível chefe do Exército, começa a fazer as primeiras incursões na zona de Bayamo. Estas contradições têm uma raiz mais profunda que as discrepâncias táticas: o Exército Rebelde já é ideologicamente proletário, e pensa em função de classes despossuídas; a cidade, todavia, continua pequeno-burguesa, com futuros traidores em sua direção e muito influenciada pelo meio em que se desenvolve". (Che Guevara: prólogo ao livro "El Partido Marxista-Leninista").
 - 15) "Pasajes de la guerra revolucionaria", p. 106 — Ed. Unión.
 - 16) Frente única de resistência na Guatemala (1963) e primeiras F.A.R., cuja inação denunciou a guerrilha "Edgar Ibarra" (ver a carta); Frente de Libertação da Venezuela; etc.
 - 17) Carta a Frank País, 21 de julho de 1957: — "Não estamos metidos no menor apuro. Lutaremos aqui o tempo que for necessário. Concluiremos esta luta com a verdadeira revolução. Já se pode pronunciar esta palavra; velhos temores se dissiparam. O perigo de um regime militar diminui, pois é cada vez maior a força organizada do povo. E se houver golpe ou junta, podemos exigir, daqui, o cumprimento de nossos princípios. E se prosseguirmos na luta, não há junta que resista."
 - 18) Entendamo-nos bem: já passou o tempo de acreditarmos que basta ser do Partido para ser revolucionário. Mas também chegou o momento de colocar um ponto final às manifestações acrimoniosas, obsessivas e estéréis daqueles que crêem que basta ser "antipartido" para serem revolucionários. Tais manifestações, não são, no fundo, mais que o reflexo da posição anterior, diferindo apenas da boca para fora. O maniqueísmo partidário (fora do Partido não há revolução) encontra seu correspondente no maniqueísmo antipartidário (com o Partido não há revolução): ambos são estáticos. Na América Latina de hoje não se determina um revolucionário por sua relação formal ante o Partido: com ou contra ele. O valor de um revolucionário, como o de um partido, mede-se pela sua ação.
 - 19) Recordamos que nos esforçamos aqui em estender nossa descrição aos países onde a ausência de uma luta séria permitiriam às organizações políticas desviar-se até hoje das tensões correspondentes.
 - 20) Ver artigo de Fernández y Zanotti — "Política y Guerrillas" in "El Caimán Barbudo", n.º 8.
 - 21) Che Guevara — "Guerra de Guerrilhas: um método".
 - 22) Plano de um discurso não pronunciado no X Congresso dos Soviets de toda Rússia, dezembro de 1922 — Obras Completas, t. 36, p. 596. — Os grifos são de Lênin.
 - 23) Ibidem, dezembro de 1922. Grifos de Lênin.
 - 24) A esse respeito ver artigos de Rachid: "Tercer Mundo e Ideologia" in "El Caimán Barbudo", n.º 2.
 - 25) Passagem da última carta de Fidel Castro a Frank País, Sierra Maestra, 21 de julho de 1957. O mesmo deslumbramento reflete hoje nas cartas de Túrcios, Douglas, Camilo e outros. Por outro lado, não significa que o apoio do camponês seja fácil de se obter imediatamente, mas que quando alcançada, consegue-se maravilhas. Ao escrever esta carta Fidel está há oito meses na Serra e já tinha escapado de algumas traições dos camponeses.
 - 26) Assim, em 1963, a Juventude Comunista do P.C. "filo-chinês" (Bandeira Vermelha) peruano saiu de suas fileiras para formar as FALN do Peru. Privado de seu esqueleto, o Partido cindiu-se em várias tendências sem envergadura. O mesmo processo se repete em outras partes.
 - 27) Concebemos com violento esforço de imaginação que um grupo "filo-chinês" reúna em Guatemala ou na Venezuela uns 50 "busca-bullas" ou traidores: não durariam 15 dias. Não há uma linguagem comum entre um guerrilheiro guatemalteco ou colombiano e um "filo-chinês" de Santiago ou Montevideu: quando acontece de encontrarem-se no exterior, não podem, literalmente, compreender-se. O mesmo fenômeno ocorre na África. Chega-se ao paradoxo dessas formas de organizações "anti-revisionistas", encontrarem melhor terreno na Europa, no contexto teórico, onde reagruparam mais de um marxista-leninista honesto e conseqüente. "As zonas tempestuosas" e suas vanguardas revolucionárias parecem distanciar-se cada vez mais das formas de organização e propaganda inspiradas pelos camaradas chineses, enquanto ganham terreno entre os militantes europeus e de zonas de calma.